

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PIAUÍ
CAMPUS ALEXANDRE ALVES DE OLIVEIRA
LICENCIATURA PLENA EM LETRAS INGLÊS**

MAURO REGIS MOREIRA DA SILVA

A MÚSICA EM INGLÊS NO ENEM: uma análise das músicas em língua inglesa nas
provas do ENEM

**PARNAÍBA
2018**

MAURO REGIS MOREIRA DA SILVA

A MÚSICA EM INGLÊS NO ENEM: uma análise das músicas em língua inglesa nas
provas do ENEM

Monografia apresentada ao curso
Licenciatura em Letras-Inglês da
Universidade Estadual do Piauí, como
requisito para obtenção do título de
Licenciado em Letras-Inglês.

Aprovada em _____ de _____ de 2018.

Professora Orientadora: Msc Lígia Maria Thomaz Bastos
Universidade Estadual do Piauí – Campus Parnaíba

Professora Convidada: Msc Francimaria Machado do Nascimento
Universidade Estadual do Piauí – Campus Parnaíba

Professor Convidado: Esp. Marimácio Amorim de Souza Júnior
Professor Escola Crescer

S586m Silva, Mauro Regis Moreira da.

A música em inglês no ENEM: uma análise das músicas em língua inglesa nas provas do ENEM / Mauro Regis Moreira da Silva. - 2018. 55 f.

Monografia (graduação) – Universidade Estadual do Piauí - UESPI, Curso de Licenciatura Plena em Letras Inglês, *Campus* Professor Alexandre Alves de Oliveira, Parnaíba-PI, 2018.

“Orientadora: Profa. Msc. Lígia Maria Thomaz Bastos.”

1. ENEM – Língua inglesa. 2. ENEM – Provas – Língua inglesa.
3. Língua inglesa - Música. I. Título.

CDD: 420

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho a Deus por me orientar e dar conhecimento e sabedoria em tomar as decisões certas, à minha família, minha esposa e a meu futuro primogênito e todos os amigos que fazem parte constante em nossa vida,
Obrigado!

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus pelo dom da vida e por todas as alegrias já vividas nesses quase quarenta anos de vida, o meu muito Obrigado. A minha família que sempre me deu todo o apoio e dedicação em todos os momentos de minha vida, meu pai a minha figura de herói e pessoa mais íntegra e sincera que conheço e que sempre carregarei comigo essa sua imagem.

À minha mãe uma pessoa de garra que sempre se dedicou a nos ajudar, criando e dedicando em todos os instantes a mim e minha irmã e logo depois aos meus sobrinhos, o meu muitíssimo obrigado. À minha segunda mãe Maria de Jesus que dedicou sua vida a ajudar a todos os seus irmãos (e que não foram poucos) em sua criação ao lado de minha avó, a especial figura de minha vida que me deu todo seu carinho e amor em todos os dias em que estava ao meu lado, o meu Obrigado e eternas saudades mãezinha.

À minha amiga, companheira, cúmplice e hoje já, dedica esposa Raylane Almeida Leão da Silva que, desde aquela tarde que a vi entrar aqui para fazermos um currículo e sendo que depois de algumas conversas o seu sorriso cativante conquistou meu coração, com isso me fez perceber que você seria a pessoa que eu gostaria de envelhecer ao seu lado, pois a partir desse instante era você a pessoa que eu diria e digo todos os dias “EU TE AMO”.

Ao meu primogênito que está por vir (ainda falta sete meses), mais que com toda certeza eu já de coração “AMO” com todas as forças do mundo e que ELE ou ELA venha com muita saúde, pois todos nós aqui de casa estamos a sua espera (Maryanne ou Raphael).

Aos amigos que fazemos em nossa vida, começando pelos de infância: ao amigo Josué que já não está conosco, mas que tenho muitas lembranças de nossas brincadeiras e conversas, ao amigo Tarcisio de também muitas lembranças e conversas sendo sobre música ou outras coisas (são trinta anos de amizade), com a música que nós, sem nem sequer saber tocar um instrumento decidimos montar uma banda e montamos, fazendo parte de uma das melhores épocas da era da música aqui em nossa cidade, mesmo que hoje com toda aparelhagem e estrutura que temos atualmente não seja, mas aquele tempo era melhor.

Ao amigo Marques vulgo mano (que também são trinta anos de amizade), sempre esteve presente aqui em casa com seu jeito meio que zangado, mas na verdade é uma pessoa de enorme coração e muito brincalhão.

Aos amigos que fiz na UESPI em todas as turmas que passei, mas os da minha turma são especiais sendo eles: Marimácio o que falar desse caba né?, Ao amigo Francisco vulgo “Java”, ao paizão que conhecemos (eu já conhecia meio que de longe) e mais profundamente quando começamos a estudar juntos e que com suas brincadeiras ajudava na tensão na hora das aulas, meu amigo Netim, ao amigo Juliano (esse eu já conhecia há tempos) que era da turma inicial, mas teve que nos abandonar, ao amigo Sertão que também fazia parte do nosso grupo intitulado “homens da boca sagrada” (coisa do Netim esse nome kkk), sem falar dos outros meninos Jhone, Carlos Magno, Rildo, Leandro, Milson, Gustavo e Tiago. As meninas Rebecca, Eline, Ivone, Danielle, Terezinha, Adriana que teve de ir embora, Priscilia, Priscila, Dayane, Fyama, Franciele, Edvana, Roberta e Assunção que assim como meu amigo Mário também não media esforço na hora de ajudarmos, fica aqui o meu Obrigado a todos vocês.

À instituição UESPI que esteve ajudando em minha formação acadêmica pessoal e profissional, o meu Obrigado pelos anos que estive fazendo parte da mesma e olha que tá com um tempim até bom. Aos nossos mestres que fizeram parte de nossa vida acadêmica começando pelas mestras: professora Lisiane, Priscila, Francimaria, Roseane, Mara e a professora doutora Renata Cunha. Os mestres: Alcione, Luciano, Christian, Gilberto, Leonardo e professor Afrânio, e em especial a professora Lígia Thomaz Bastos, que me deu todo apoio para o término desse trabalho e também do curso, tendo ela toda dedicação e paciência para comigo o meu muito Obrigado a senhora professora, e a todos vocês professores desta instituição que são símbolos de dedicação a formação pessoal e profissional dos alunos do campi, e que fizeram parte desta minha vida acadêmica, mais uma vez o meu muito Obrigado!

***Amigo é coisa pra se guardar
do lado esquerdo do peito.
(Milton Nascimento)***

RESUMO

Esta pesquisa tem como tema a cultura apresentada nas músicas de língua inglesa presentes nas provas do ENEM de 2010 a 2016. Nesse sentido, a pesquisa visa responder a seguinte questão norteadora: Quais aspectos culturais são encontrados nas músicas das provas do ENEM de inglês entre os anos de 2010 a 2016? A fim de responder a seguinte questão, foi elaborado o objetivo geral: Investigar aspectos culturais encontrados nas músicas das provas do ENEM em língua inglesa entre os anos de 2010 a 2016. Diante disso, para alcançar esse objetivo, foram elaborados os seguintes objetivos específicos: Conhecer recortes temporais da cultura de cada país que compõe a pesquisa; Entender a inclusão das músicas em língua inglesa nas provas do ENEM; Encontrar nas músicas, aspectos culturais dos países estudados no trabalho. Para alcançar esses objetivos foi realizada uma pesquisa bibliográfica de cunho qualitativo, fundamentada com os seguintes autores: Murphey (1990), VanSpanckeren (1994), Vian Junior (2008), Zimmermann (1996) e outros. As análises alcançaram os objetivos propostos, uma vez que foram apresentados os acontecimentos históricos acerca dos países estudados, bem assim como apresentada a motivação descrita nos PCN's acerca da inserção das músicas nas provas do ENEM que visa o ingresso dos alunos do ensino médio no ensino superior, e ainda a constatação dos aspectos culturais encontrados nas músicas; dessa forma, aspectos culturais foram, sim, encontrados nas provas do ENEM, como: a visão romântica de Delacroix sobre a Revolução Francesa; ou o discurso do imperador da Etiópia, Haile Selassie; ou ainda a crítica às guerras por Bob Dylan no período da Guerra Fria; e por último a questão do racismo discutida por Paul McCartney e Stevie Wonder.

PALAVRAS-CHAVE: ENEM. Música. Inglês. Cultura.

ABSTRACT

This research has as its theme the culture presented in the English language songs present in the ENEM exams from 2010 to 2016. In this sense, the research aims to answer the following guiding question: What cultural aspects are found in ENEM English songs between the years 2010 to 2016? In order to answer the following question, was elaborated the general objective: To investigate cultural aspects found in ENEM English songs between the years 2010 to 2016. In order to achieve this objective, the following specific objectives were elaborated: to know the temporal cut of the culture of each country that compose the research; to understand the inclusion of songs in English in the ENEM exams; to find in the songs, cultural aspects of the countries studied at work. To achieve these objectives, a qualitative bibliographical research was carried out, based on the following authors: Murphey (1990), VanSpanckeren (1994), Vian Junior (2008), Zimmermann (1996) and others. The analyzes reached the proposed objectives, once the historical events about the countries studied were presented, as well as the motivation described in the PCN's about the insertion of the songs in the ENEM exams that aims at the entry of the students of the secondary education in higher education, and also the verification of the cultural aspects found in the songs; in this way, cultural aspects were, rather, found in the ENEM exams, such as: the romantic vision of Delacroix on the French Revolution; or the speech of the Emperor of Ethiopia, Haile Selassie; or the criticism of the Bob Dylan wars in the Cold War period; and finally the issue of racism discussed by Paul McCartney and Stevie Wonder.

Keywords: ENEM. Music. English. Culture.

SUMÁRIO

CONSIDERAÇÕES INICIAIS	10
CAPÍTULO 1: A CULTURA EM TRÊS NAÇÕES DO INGLÊS.....	14
1.1 A CULTURA E SUAS INÚMERAS DEFINIÇÕES	14
1.2 A CULTURA INGLESA	16
1.3 A CULTURA ESTADUNIDENSE.....	18
1.4 A CULTURA JAMAICANA.....	21
CAPÍTULO 2: A MÚSICA EM INGLÊS NO ENEM	24
2.1 ENFIM, DE ONDE SURTIU A MÚSICA?	24
2.2 ENEM: UM BREVE HISTÓRICO.....	28
2.3 A MÚSICA DE LÍNGUA INGLESA NO ENEM	30
CAPÍTULO 3: A CULTURA DOS PAÍSES NAS MÚSICAS DO ENEM	33
3.1 A INGLATERRA DE <i>VIVA LA VIDA</i>	33
3.2 A JAMAICA DE <i>WAR</i>	38
3.3 OS ESTADOS UNIDOS DE <i>MASTERS OF WAR</i>	41
3.4 A INGLATERRA DE <i>EBONY AND IVORY</i>	45
CONSIDERAÇÕES FINAIS	49
REFERÊNCIAS	52

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Tendo como berço a Inglaterra, a Língua Inglesa é tida como um dos idiomas mais falados do mundo, e seu número de falantes vêm crescendo gradativamente nas últimas décadas. A ascensão da LI se deve muito a acontecimentos históricos relacionados a aspectos culturais provindos da Inglaterra a mais de um milênio de história, porém, um fator para a expansão deste idioma ao redor do globo, foram as colonizações que se deram principalmente no século XV, que por sua vez espalharam esta língua por diversos continentes.

A música foi uma das artes que teve peso muito marcante nessa cultura. Pois se sabe, que esta trabalha principalmente o sentido humano, naturalmente, a audição para captá-la. Porém, com o tempo os sons começaram a se popularizar não sozinhos, mas com a companhia de letras juntamente às melodias e harmonias.

Percebamos então, que a música, da forma mais popular como a conhecemos hoje, não somente traz consigo a arte dos sons, mas também a arte das palavras, literatura. As canções, por sua vez, podem ser escritas nas mais variadas línguas, porém, as que vamos tratar neste trabalho são somente as músicas em inglês que foram escolhidas para as provas do ENEM entre os anos de 2010 a 2016.

O Exame Nacional do Ensino Médio, ENEM, foi criado com o propósito de medir o nível dos estudantes brasileiros no Ensino Médio, alguns anos depois o mesmo passou a ser aceito por grande parte das universidades do Brasil como um substituto do vestibular, ou seja, o ENEM serve como porta de entrada para o Ensino Superior nos dias atuais. Uma vez que este exame passou a ser mais bem elaborado para o seu propósito, a inserção do inglês tornou-se obrigatória devido à importância da língua no cenário atual de informática, negócios, estudos etc.

Portanto, foi no ano de 2010 que o inglês passou a ser inserido no ENEM. Com isso, obviamente alguns pontos devem ser levados em consideração para entender melhor essa integração. Um dos principais pode ser encontrado nos PCNs (2000) que afirma que as Línguas Estrangeiras assumem a condição de ser parte indissolúvel do conjunto de conhecimentos essenciais que permitem ao estudante aproximar-se de várias culturas e, conseqüentemente, propiciam sua integração num mundo globalizado.

Por sua vez, essa carga cultural trazida pelo inglês tem como grande aliado

as artes, que sempre expressam os mais variados sentimentos humanos, bem assim como acontecimentos históricos relacionados à época em que foram concebidas. É desta forma que tomamos uma destas artes em nosso estudo, a música. Mais especificamente as músicas de LI encontradas nas provas do ENEM, tendo por alvo buscar o quanto o entendimento delas contribuem para encontrarmos aspectos culturais condizentes com a época de cada música e a inserção de quem as ouve ou lê nesse determinado período. Após verificação, percebemos que desde 2010, quando o ENEM passou a inserir músicas de LI em suas provas, podemos encontrar quatro canções que correspondem aos anos de 2010, 2011, 2014 e 2016. As provas dos anos nesse meio tempo não possuem música em LI.

Em relação ao surgimento do interesse pela pesquisa: desde muito jovem, tenho afinidade pela música; e tal apreço aumentou à medida que comecei a estudá-la e aprender a tocar contrabaixo, posteriormente trabalhando em diversas bandas de Parnaíba. Aliando isto à admiração pela Literatura estudada no curso de Letras/Inglês na Universidade, permitiu então, que me aproximasse do meu objeto de pesquisa, pois analisando as provas do ENEM na parte de Inglês para fins de estudo, percebi que algumas questões encontradas possuíam músicas de artistas que há muito me fascinam.

Diante disso, esta pesquisa visa responder a seguinte questão norteadora: Quais aspectos culturais são encontrados nas músicas das provas do ENEM de inglês entre os anos de 2010 a 2016?

Com a intenção de responder a esta pergunta, formulamos o seguinte objetivo geral: Investigar aspectos culturais encontrados nas músicas das provas do ENEM de inglês entre os anos de 2010 a 2016.

A partir do objetivo geral, os seguintes objetivos específicos foram delineados para assim buscarmos: Conhecer recortes temporais da cultura de cada país que compõe a pesquisa; Entender a inclusão das músicas em Inglês nas provas do ENEM; e Encontrar nas músicas, aspectos culturais dos países estudados no trabalho.

Este estudo monográfico é fruto de uma pesquisa exploratória, de cunho bibliográfico, efetuado em quatro etapas. Inicialmente foi realizado o levantamento dos documentos bibliográficos que forneciam dados acerca dos três países aqui estudados: Inglaterra, Estados Unidos e Jamaica. A seguir, foram verificadas as provas do Enem a partir do ano de 2010, ano que o Inglês começou a ser adotado

nas provas do Enem e conseqüentemente as músicas neste idioma.

Posteriormente foi empreendida uma revisão dos documentos encontrados, pautada pelos seguintes critérios de inclusão e exclusão: foram mantidos como fontes de pesquisa, os documentos que se apresentaram em conformidade com as músicas encontradas nas provas, bem assim como aqueles que explanavam pontos acerca da cultura dos países da pesquisa. Os documentos que inviabilizaram e/ou contradisseram acerca dos períodos históricos descritos nas músicas em inglês encontradas nas provas, foram considerados como integrantes do critério de exclusão para esta pesquisa.

Em um terceiro momento, foram elaboradas fichas-resumo acerca do material de análise para elencar os aspectos relevantes identificados nos documentos consultados, possibilitando que os pontos referentes à pesquisa fossem identificados a partir do contato com os documentos utilizados destacados. Por fim, foi realizada uma análise condensando os aspectos relacionados à temática da pesquisa com o intuito de alcançar os objetivos previamente estabelecidos.

Em relação à relevância desta pesquisa, acreditamos que a nível acadêmico, será de fundamental importância como fonte de futuras pesquisas relacionadas ao assunto, uma vez que esta fala a respeito de temas diversos pertinentes não somente à língua inglesa, mas história, música e ainda em relação ao ENEM.

No que diz respeito ao pesquisador, é de certo afirmar que este trabalho será igualmente de suma importância, uma vez que será nossa primeira pesquisa científica de grande porte, visando não somente esta, mas entendendo que é apenas a primeira em se tratando do ingresso à carreira acadêmica.

De posse destas informações, acreditamos que a realização da pesquisa possibilitará um estudo mais aprofundado a respeito dos assuntos pertinentes à inserção do aluno em diversas culturas por meio de uma grande incentivadora e divulgadora de recortes temporais, a música. É de certo afirmar que a música pode ser considerada um tipo de literatura, pois Ferreira (2016, p.429) define esta como a “arte de compor trabalhos artísticos em prosa ou verso.”

Dito isso, uma vez que os textos cantados podem ser escritos em prosa, em verso ou em qualquer outro tipo de texto que a imaginação do compositor permitir; tomamos a música como obra literária, e é possível dizer que esta é valiosa ao passo que a história que ela contém é algo sem precedentes. Tudo isso aliado às suas particularidades, no caso, harmonia, melodia e ritmo fazem com que esta seja

uma arte singular não somente ao aprendizado, mas integração em diferentes culturas por parte de quem a usufrui.

Esta monografia está dividida em três capítulos, além das considerações iniciais e finais. No primeiro capítulo falamos a respeito dos três países abordados nesta pesquisa, os três tendo por língua oficial, naturalmente, o inglês; no qual destacamos aspectos culturais relevantes em relação à sua história.

No segundo capítulo dialogamos primeiramente acerca da música, pautando sua origem e significância ao ser humano em sua história; posteriormente a seção seguinte se dedica a falar sobre o ENEM, acerca de seus propósitos e assuntos afins.

Finalmente, no terceiro e último capítulo – o capítulo de análise – analisamos as músicas encontradas nas provas do ENEM, podendo, então, fazer um paralelo entre o conteúdo das canções e a influência do contexto histórico como inspiração para os respectivos compositores, permitindo a nós, entendermos a força da cultura contida em cada uma das músicas, uma vez que os artistas que as compuseram tiveram as mais variadas inspirações.

Além disso, tendo um destes compositores nascido na Jamaica, outro nos Estados Unidos e por último os dois nascidos na Inglaterra, isso nos foi permitido fazer um apanhado histórico e, conseqüentemente, cultural acerca de cada um destes países em cada época retratada nas músicas encontradas nas provas do ENEM entre os anos de 2010, 2011, 2014 e 2016.

CAPÍTULO 1

A CULTURA E SUA EXISTÊNCIA EM TRÊS NAÇÕES DO INGLÊS

Este capítulo está dividido em quatro seções, onde no primeiro momento é comentado sobre a polissemia da palavra cultura dando algumas definições. Nas seguintes seções as quais dialogam acerca das culturas de três países falantes de Língua Inglesa: Inglaterra, Estados Unidos e Jamaica. A primeira seção se inicia com uma breve definição do termo cultura; posteriormente, discorre a respeito da Inglaterra, apontando pontos históricos do país e dialogando quanto à ascensão do idioma inglês que a tem como berço. Na segunda seção, temos os Estados Unidos, na qual falamos a respeito de sua colonização, bem assim como outros fatos de sua história. Da mesma forma que a seção anterior, a terceira parte disserta, igualmente, sobre aspectos históricos e colonização, porém, desta vez, a nação referida é a Jamaica.

1.1 A CULTURA E SUAS INÚMERAS DEFINIÇÕES

No que se fala a respeito da polissemia que vive envolta da palavra cultura naturalmente seja essa a maior complexidade encontrada, dificuldade essa se a mesma tem a tendência e a propriedade de possuir múltiplos significados e significâncias dentro de uma só palavra. Para ir de encontro a uma definição da palavra cultura e visto que para a mesma possuir vários redirecionamentos e também alguns desdobramentos, gerando desse modo inúmeras atribuições. Em outras palavras, pleiteia alguns problemas que precisam de um tratamento conceitualmente falando.

Assim, a cultura não funciona como imperativo categórico, mas é carregada pela historicidade das instituições que a delimitam e que configuram as políticas públicas culturais. As decisões conceituais por um ou outro conjunto de significados são tácitas ou explícitas e impõem traduções institucionais e estilos de governo, embora esses derivem não apenas dos conceitos, mas do conjunto de forças sociais e políticas, concepções e interpretações sobre o objeto e as estratégias de intervenção (SILVA, 2007, p. 4).

Ao imaginar que para a definição da palavra cultura a mesma aparece dimensionando lado a lado com a história, é de suma importância destacar outras definições que serviram para embasar no que diz respeito à cultura e conseguir uma variabilidade conceitual.

Em suas palavras, o autor Laraia (1986, p.74), refere-se à cultura desse modo "uma lente através da qual o homem vê o mundo", desse modo, as inúmeras culturas apresentam diversas visões e assim reiterando em seu pensamento Laraia (1986, p.82) "nenhum indivíduo é capaz de participar de todos os elementos de sua cultura.". O homem pode manter suas perspectivas culturais e ainda assim, adquirir outras manifestações culturais diferentes da sua, aumentando desse modo seus conhecimentos de modo geral.

Estando em uma seguida interação, cada uma das culturas tem seu modo de funcionar. Se as mesmas são compreendidas em todas suas particularidades, a criação de certos estereótipos e os conflitos com eles veem acompanhados podem vir a serem evitados, (LARAIA, 1986, p.90) "Todo sistema cultural tem a sua própria lógica e não passa de um ato primário de etnocentrismo tentar transferir a lógica de um sistema para outro".

Lévi-Strauss (2000, p. 54) afirma que "a diversidade das culturas é de fato no presente, e também de direito no passado, muito maior e mais rica que tudo o que estamos destinados a dela conhecer." Seguindo seu pensamento "duas culturas elaboradas por homens pertencentes a uma mesma raça podem diferir tanto ou mais que duas culturas provenientes de grupos racialmente afastados", desse modo as culturas não se diferenciam.

Um dos conceitos de cultura que foi Max Weber e definiu e que anos depois foi relido e citado por Geertz (1989, p. 4), quando o mesmo afirma que: "o homem é um animal amarrado a teias de significados que ele mesmo teceu, assumindo a cultura como sendo essas teias e a sua análise; portanto, não como uma ciência experimental em busca de leis, como uma ciência interpretativa, à procura de significados".

De acordo com sua própria vivência o sujeito homem, tem por finalidade tentar analisar sua devida existência em ações passadas e refletir sobre as mesmas, buscando uma constante evolução cultural e social ao decorrer de seus experimentos interpretativos ao longo de toda sua vivência.

1.2 A CULTURA INGLESA

De acordo com Vian Júnior (2008), o termo cultura pode ter várias acepções. Pode-se entendê-lo como termo mais amplo: quando se diz que uma pessoa é culta, significa que essa pessoa possui uma determinada cultura. Sendo assim, cultura é o conhecimento que uma pessoa conseguiu conquistar. No entanto, completa o autor, o termo cultura também pode ser conhecido como os hábitos e costumes de um determinado povo.

Em relação ao termo cultura, Bennett (1993) aponta duas categorias: a objetiva é a primeira delas, por sua vez esta consiste em todos os tipos de manifestações que são produzidos pela sociedade: música, ciência, literatura, língua, arte e etc.; em outras palavras, se trata do produto concreto que uma determinada sociedade criou. A segunda é a cultura subjetiva, esta se encontra nas manifestações abstratas, nas quais podemos apontar: crenças, uso da língua, valores, normas etc.

Santos (2006, pag. 35) comenta sobre a cultura e a amplitude da palavra:

Cultura pode por um lado referir-se à alta cultura, à cultura dominante, e por outro, a qualquer cultura. No primeiro caso cultura surge em oposição à selvageria, à barbárie; cultura é então a própria marca da civilização. Ou ainda, a alta cultura surge como marca das camadas dominantes da população de uma sociedade; se opõe à falta de domínio da língua escrita, ou a falta de acesso à ciência, à arte e à religião daquelas camadas dominantes. No segundo caso pode-se falar de cultura a respeito de qualquer povo, nação, grupo ou sociedade humana. Considera-se como cultura todas as maneiras de existência humana.

Holanda (1975) diz que cultura são o conjunto de valores, hábitos, influências sociais e costumes reunidos ao longo do tempo, de um processo histórico de uma sociedade. Cultura é tudo que com o passar do tempo se incorpora na vida dos indivíduos, impregnando o seu cotidiano.

Partindo destas definições e diálogos acerca do que se entende por cultura, começemos a adentrar na cultura em si do país desta seção, a Inglaterra; na qual podemos iniciar nosso estudo no ano de 1066, com o fato histórico ocorrido no país, a Batalha de Hastings.

Figueiredo et al (1996, p. 02) destacam que “a Batalha de Hastings, de 1066,

por exemplo, foi um dos eventos de cunho histórico-político mais relevantes para a constituição do reino da Inglaterra – nação-mãe da língua inglesa.” Já, segundo Block (2006), tal batalha de 1066 representou não somente uma reorganização política de grande porte, mas mais que isso, mudou os caminhos da língua inglesa, pois foi a derradeira, como ele chama, invasão “linguística”, possuindo origem normanda, que a Inglaterra presenciou.

Figueiredo et al (1996) explicam que com o passar dos tempos, os conflitos que estavam acontecendo entre as ilhas britânicas e os normandos acarretaram certo sentimento nacionalista; uma vez nas décadas anteriores do século 15, é de certo afirmar que o inglês, em se tratando de uma língua em frequente expansão, se encontrava, mais e mais existente na do povo inglês. Os autores complementam, inclusive, dizendo que até na modalidade escrita, como idioma oficial para escrever documentos, o inglês já tinha sobreposto o latim e também o francês.

Le Breton (2005) explana que a questão de a língua inglesa ter ocupado posição destacada em meio aos outros idiomas, se deve a uma série de particularidades que remetem desde aspectos políticos até questões etimológicas.

Vejamos as considerações de Le Breton (2005, p. 14-15), em relação a isso:

De modo semelhante à maioria das línguas europeias modernas, talvez até mais que as outras, o inglês é uma língua compósita, que reúne contribuições celtas, latinas, francesas, germânicas, para falar exclusivamente das principais [...] A língua inglesa, que era uma língua nacional nos séculos XVI e XVII, tornou-se língua imperial nos séculos XVIII e XIX e, por fim, língua mundial durante a segunda metade do século XIX.

O que pudemos perceber na fala do autor, foi que não somente ele citou as contribuições fundamentais em se tratando de questões linguísticas em prol de toda uma construção da língua inglesa historicamente, mas, ele fala ainda que da flexibilidade do inglês, que, dentro de poucos séculos, realizou tarefas diferentes tendo como partida, uma língua com representatividade apenas local até chegar a ser um idioma utilizado em todo o globo.

Segundo Vian Júnior (2008), a partir do século V, o inglês começa a se espalhar pelas Ilhas Britânicas, no país de Gales, Cornwall, Cumbria e sul da Escócia, locais em que predominavam a língua celta. Com esse pensamento, o autor relata que a língua inglesa começa a ter aceitação em outras partes do país, onde antes não se falava, começou assim a expansão da mesma.

Figueiredo et al (1996) acrescentam que “além de ter sido um importante evento político-histórico, a Batalha de Hastings introduz um período que é chamado de *Middle English* – este marcado pela presença e influência do francês no inglês.” O termo “imposição cultural” é citado por Baugh (1957), que explica que foi o que aconteceu em se tratando da língua francesa em relação à língua inglesa, pois a cultura franco-normanda foi inserida com grande velocidade à nação anglo-saxônica. A cultura franco-normanda, em torno do período de aproximadamente três séculos sem interrupção, conta o autor, foi o modelo utilizado e aprovado pelos governantes ingleses. Incorporando assim ao vocabulário da Língua Inglesa algumas contribuições lexicais e, desse modo, enriquecendo-a com palavras novas e outros conceitos.

Vian Júnior (2008) relata que é importante considerar do ponto de vista geográfico, as denominações Reino Unido, Grã-Bretanha, Ilhas Britânicas e Inglaterra. É bastante comum nos referirmos ao Reino Unido e Grã-Bretanha como Inglaterra. Grã-Bretanha, no entanto, é uma expressão geográfica enquanto Reino Unido acaba sendo uma expressão política.

Ainda com relação ao pensamento de Vian Júnior (2008), o inglês configura-se, portanto, como o idioma oficial das Ilhas Britânicas e, daí, acaba se espalhando pelo mundo. Crystal (1997) indica que entre o reinado de Elizabeth I em 1603, e o início do reinado de Elizabeth II em 1962, o número de falantes de inglês deu um salto para 250 milhões, em sua grande maioria fora das Ilhas Britânicas, principalmente nos Estados Unidos, para onde o idioma foi levado no século XVI e cuja história é alterada.

1.3 A CULTURA ESTADUNIDENSE

A autora Torquete (2011) diz que é apropriado dizer que a Literatura Americana é a primeira grandiosa literatura que pode ser analisada desde os seus primórdios. Sendo que a autora relata que, a formação de sua voz original foi marcada pela busca de uma verdadeira autenticidade americana.

Conforme Torquete (2011, p. 3):

Os primeiros autores da Literatura Americana foram ingleses que descreveram a exploração e colonização inglesa da América. Na Inglaterra, as pessoas que planejavam se mudar para New England ou Virginia liam esses livros como guias de viagem. Por exemplo, a obra *Description of New England* (1616), de John Smith (1580-1631), apresenta relatos fascinantes sobre o Novo Mundo. Essas obras mesclavam fantasia à realidade, podendo também ser lidas como histórias de aventura.

Ainda de acordo com Torquete (2011), as treze primeiras colônias americanas foram situadas na Costa do Atlântico e ficaram divididas em 3 grupos: New England (Rhode Island, Connecticut, Massachusetts e New Hampshire), Middle Colonies (Delaware, Pennsylvania, New York e New Jersey) e Southern Colonies (Maryland, Virginia, North Carolina, South Carolina e Georgia).

Por sua vez, em seu livro *Perfil da Literatura Americana*, a autora VanSpanckeren (1994, p. 6) diz, que “os primeiros exploradores da América não foram ingleses, espanhóis ou franceses. O primeiro registro de exploração da América está numa língua escandinava: A Saga de Vinland”. De acordo com o pensamento da autora, eles eram nórdicos e estabeleceram-se na parte nordeste da América no século XI.

Segundo VanSpanckeren (1994), a literatura americana se inicia com a transmissão oral dos mitos, lendas, histórias e letras (sempre canções) das culturas indígenas. Seguindo o pensamento da autora, os contos eram feitos boca a boca, ou seja, foram repassados dessa forma usando a música como intermédio desse repasse de informações culturais.

De acordo com Owens (1992), a passagem de histórias orais para a forma escrita ocasionou, algumas vezes, conflitos entre o autor e sua tradição cultural, já que essas tais histórias seriam cristalizadas, fechadas em um código que não poderia ser modificado ou então reinventado, o que sempre foi algo estranho às culturas orais.

VanSpanckeren (1994) relata que, histórias dos habitantes dos lagos do Norte, como os Ojibwa, muitas vezes diferem radicalmente das que eram contadas por algumas, especificamente falando nas tribos do deserto, como os Hopi. A autora diz, ainda, que um dos primeiros contatos conhecidos e contínuos entre a América e o restante do mundo iniciou com a famosa viagem do explorador italiano, Cristóvão Colombo, financiada pelos reis espanhóis, Fernão e Isabela.

A autora VanSpanckeren (1994) completa então dizendo que assim eram feitas as canções ou poesias, como as narrativas, vão do sagrado ao leve e humorístico: há cantigas de ninar, cantos de guerra, canções de amor e canções especiais para jogos infantis, jogos de azar, assim também como várias tarefas, cerimônias de magia ou de dança.

Com isso, a música americana, no pensar de Reis et al (2006), contribui na criação de inúmeras identidades, estabelecendo relação com indivíduos e grupos relativamente extensos. Nisso os autores dizem que, com a música as pessoas criam suas identidades e se identificam com a mesma formando assim seus grupos.

Segundo Reis et al (2006), a música consegue assumir uma tarefa importantíssima em se tratando de processos de negociação e elaboração em prol de uma determinada identidade racial e étnica. É dito pelos autores, ainda, que pelo intermédio musical, muitos grupos podem vir a ser formados. Vide o que os autores complementam acerca do tema:

Os resultados da mistura entre música negra e música branca são as várias manifestações híbridas que mesclam características promovendo um produto miscigenado, único e mais democrático. São considerados como estilos originados dessa fusão da música negra e branca o *jazz*, o *rock'nroll*, o *blues*, o *rhythm'n blues* (R&B), o *soul*, o *country*, o *samba*, o *chorinho* e o *rap*, entre outros (REIS et al, 2006, p. 1).

Reis et al (2006) contam que os estilos musicais citados ilustram a mistura de componentes brancos e negros em seu nascimento, além de terem contribuído para a geração de outros gêneros musicais. Sendo um estrondoso sucesso nos anos 50 do século 20, os autores contam que o rock 'n roll ligava toques de música country com a música negra do sul dos EUA em um ritmo acelerado; ademais, juntava música considerada branca e de origem europeia com dança negra. Ou seja, para os autores, tal tendência negra auxiliou na produção do “soul” nos EUA e influenciou também na criação do “reggae”. Continuemos a próxima seção falando sobre a cultura do país que imortalizou o “reggae”.

1.4 A CULTURA JAMAICANA

Colocando em pauta um breve histórico sobre a história da Jamaica, Pacheco e Branco (2008) definem a ilha de 11.425 km² das Grandes Antilhas, na América Central, como um país que vai além do Reggae e da cultura Rastafári. As autoras dizem que além de suas imensas belezas naturais, o país mostra a resulta de modificações culturais, econômicas e políticas ao passar dos tempos, desde 1494, ano que Colombo fez a descoberta desta.

Pacheco e Branco (2008, p. 1) afirmam que “dos colonizadores espanhóis para as mãos dos ingleses, em 1670, a Jamaica tornou-se produtora de açúcar, centro de contrabando, e no século XVIII, caminho das rotas do tráfico de escravos africanos.” Seguindo essa afirmação, após aproximadamente três séculos sob domínio dos ingleses, em seis de agosto de 1962, a Jamaica oficialmente passou a ter a alcunha de nação independente. Porém, a monarquia inglesa ainda se faz forte na Jamaica, uma vez que reconhece como chefe de estado a Rainha Elizabeth II.

A subsistência do país é baseada na produção de café e açúcar e tem a bauxita como principal fonte de receita, mas pouco valorizada pelo mercado internacional. Aposta-se agora no turismo como atividade econômica essencial para o país. E viajar para lá não é nada tão complicado. Segundo o consulado jamaicano no Rio de Janeiro, não é necessário visto de turismo para até 30 dias de viagem. (PACHECO E BRANCO, 2008, p. 15).

Eagleton (2005) afirma que a liberdade criativa também pode ser usada para fins de análise no reggae, este que retratava a Jamaica com seus problemas sociais, principalmente no que diz respeito aos negros, que através do reggae, estas pessoas podiam ter uma espécie de sentimento de liberdade, pois as canções serviam de desabafo para que eles pudessem manifestar todos os seus sentimentos guardados há muito.

“A cultura tem a capacidade de transformar comportamentos e, assim sendo, o reggae deu a voz aos povos oprimidos nos guetos de Kingston. Sendo que o rastafári teve forte influencia no movimento religioso na década de 1920. ” (LUCESI, 2015, p.3). Além dessa interpretação em relação ao reggae como cultura, temos também o conceito de Sodré (1996, p. 12):

Para as modernas sociedades ocidentais, a cultura implica, portanto, uma prática diferenciada regida por um sistema, que se entende como o conceito das relações internas típicas da realidade da produção, pelos indivíduos, do sentido que organiza suas condições de coexistência com a natureza, com os próprios membros de seu grupo ou com outros grupos humanos.

Dito isso, podemos perceber que o reggae é considerado em sua origem como a expressão de um povo que relatou e desabafou em suas canções toda uma história de frustrações sendo manifestada através de seu estilo musical uma série de sentimentos retratados por meio do reggae; que em seu nascimento ficou conhecido pela expressão “reggae roots” (reggae raiz) remetendo ao estilo musical em sua origem.

Conforme é dito por Araujo e Morias (2008, p. 8):

O reggae Roots, chamado também de reggae de raiz, é um estilo que retrata todas as lóstimas trazidas com a modernização da Jamaica, como o desemprego, a falta de moradia, as condições de trabalho precárias, não correspondendo com as expectativas da população após a independência. São muitas as lutas do povo jamaicano, mesmo com a ajuda da modernidade que vinha crescendo com o passar dos tempos. O reggae é constituído da heterogeneidade de povos, com uma característica própria desenvolvida ao longo dos anos e das gerações que o transmitiram e agiram dentro das suas possibilidades de forma a não comprometer a identidade de seu povo. Sendo que seguindo essa perspectiva o povo jamaicano não perde suas características mesmo com tudo o que estava acontecendo nessa época.

Como podemos notar na citação acima, as autoras explicam a questão de o desemprego, a falta de moradia, as condições de trabalho precárias e afins serem fruto da modernização da Jamaica, e esse estilo é retratado no chamado reggae raiz ou reggae roots. Percebe-se ainda que com tudo que estava acontecendo na época, é de certo afirmar que o povo jamaicano não perde a sua identidade mesmo com a heterogeneidade dos povos que é desenvolvida ao longo dos anos, e tal característica própria deles permanece e muito forte.

De acordo com Araujo e Morias (2008, p. 8-):

Ainda que, enquanto o reggae consolidava-se na Jamaica, este se lançava internacionalmente, acompanhando a esteira das grandes bandas de rock como Beatles, Rolling Stones, dentre outras, o

reggae passou por inúmeras adaptações e algumas mudanças até chegar aos padrões comerciais exigidos pelos produtores musicais e pela indústria. O reggae seguiu a linha das bandas que estavam crescendo mundialmente nesse período, e assim, ganhando seu espaço na área da música. Ao articularem o reggae com a indústria, o que deu visibilidade a ele e, principalmente à uma cultura terceiro mundista considerada “isolada” do resto do mundo em que na sua maioria são pessoas negras; aquilo que era local passou a ser global de forma que os agentes culturais puderam compartilhar sua cultura e seus talentos criativos, articulando suas posições às circunstâncias que lhes foram dadas. Portanto podemos dizer que o reggae hoje trás consigo todos os elementos característicos do mundo industrial moderno.

Seguindo o pensar das autoras em relação à adaptação do reggae aos chamados moldes musicais da época de bandas como Rolling Stones e The Beatles, consegue uma visibilidade no setor musical e mostra a perspectiva da civilização jamaicana que sofre com a falta de infraestrutura de sua nação de origem. Ainda assim, apresenta uma nação que luta pelos seus direitos em todas as áreas imagináveis.

CAPÍTULO 2

A MÚSICA EM INGLÊS NO ENEM

Este capítulo está dividido em três seções. A primeira delas trata da música, dialogando a respeito de sua origem e trajetória desde seu surgimento, bem assim como considerações acerca de sua relevância ao ser humano. A segunda seção se dedica ao ENEM, levando em consideração a sua criação objetivada em avaliar os estudantes do Ensino Médio, até chegar à meta atual que busca não somente a avaliação, mas principalmente contribuir com a inserção dos estudantes ao Ensino Superior.

Por último, na terceira seção, falamos sobre a implantação da música em Inglês nas provas do ENEM, discutindo, primeiramente, a respeito da inclusão da Língua Inglesa nas provas, com explicações, dentre outras, encontradas nos PCNs acerca da importância que este idioma e sua carga cultural trazem por meio de uma série de aspectos culturais à realidade dos estudantes que fazem o ENEM.

2.1 ENFIM, DE ONDE SURTIU A MÚSICA?

Alguns estudos revelam que a origem da música surgiu bem antes do homem e que tenha acompanhado toda a sua evolução por todos esses anos. O grito humano não foi um dos primeiros tipos de som, sendo que a natureza já havia produzido tal evidência.

BUCKINX (1998) diz que o significado da palavra “música” deriva do grego “a força das musas”, estas eram divindades mediadoras dos deuses, as quais revelavam por meio das artes como: canto do teatro e coral; poesia; dança; e canto lírico as realidades dos seus superiores (deuses) aos humanos.

Zimmermann (1996) apud Gobbi (2001, pg. 16): “O som precede a criação do homem. A natureza foi o primeiro elemento sonoro. Mais tarde, Deus criou o animal, que trouxe a própria linguagem, a qual também representa sonoridade”. Assim, podemos entender que a sonoridade é uma criação, antes mesmo da humanidade, e como fenômeno natural esta arte nasceu para implementar, também, a vida humana.

Continuando na visão de Zimmermann (1996) citado por Gobbi (200, pg. 16) considera que existem quatro níveis da música:

1. O som enquanto linguagem mágica, representando a comunicação do homem com as divindades;
2. Som enquanto ciência, igualado com a Matemática e Astronomia;
3. Som enquanto oração, representando a religião;
4. Som enquanto arte e divertimento, o que atribui um grande enriquecimento ao som, devido à mistura com o mundo profano.

Diante disso, infere-se que a música abrange outras áreas como a linguagem, a ciência, o entretenimento e as ideologias religiosas por meio das orações, perante a tanta diversidade que ela abrange fica fácil dos estudantes aderirem a música em seu universo, seja por meio da diversão, ou por meio da religião – já que ela está inserida em vários campos.

Na interpretação de Lima e Antunha (2010, pg. 239) sobre a música:

Na literatura musical, é sempre lembrado o flagrante aspecto do som na natureza, que se pode observar nos bruscos embates “wagnerianos” das ondas do mar contra os rochedos ou então na suavidade da chuva descendo sobre os jardins de Debussy. A seu modo, encontramos, na natureza, todos os componentes de uma peça musical. Cabe ao espectador a escuta, o discernimento, pois a natureza oferece o produto bruto, a matéria-prima na qual predomina a sinestesia, em que os sentidos se entrecruzam, fundem-se, não mais se podendo afirmar o que é visão, audição, tato, movimento, vibração ou ritmo.

Segundo os autores a arte musical advém da natureza, e o modo como ela é interpretada compete a cada um possa ter suas conclusões de acordo com a observação e a forma que ela preenche ou atinge a cada um que se permite vivenciar os sons.

Outro relato sobre a música na visão do autor Andrade (1995), afirma que para os gregos a música é atribuída à mitologia, assim como seus instrumentos. Além de ela ter feito parte da educação dos gregos e dos romanos, da mesma forma que o teatro e os esportes. Ademais, o reconhecimento musical toma proporções mais intensas e participativas depois de muitos tempos.

Wisnik (1989, p. 23) explica que a música passa a ter mais força com certas inclusões, dentre elas “a da música medieval, do canto gregoriano, das danças e do

repertório dos menestrelis, uma espécie de cantor e poeta da época, dos coralistas renascentistas e da ópera, a música começa a ganhar mais destaque. ” Em relação à Música da Europa Ocidental, que é a estudada para a pesquisa, uma vez que estamos inseridos nesta Barraud (1991, p. 25) afirma:

Esta música não é a única, não é a mais importante e não é melhor do que a de outros povos e civilizações. É aquela na qual estamos inseridos culturalmente e que aprendemos e trabalhamos todo o seu arcabouço teórico, tocamos os instrumentos inventados ou desenvolvidos por ela e elegemos os compositores daquele continente como nossos modelos. Além disto, nós delimitamos seu estudo a partir da Idade Média, mais precisamente aquelas músicas registradas depois do século VII.

Percebe-se então que o nosso campo de influência relacionado a questões de estudo da música e afins, se dá a partir do século VII na Europa, uma vez que se entende que esta é a responsável pelo desenvolvimento tal como é dessa arte em nossa sociedade. Partindo dessa explicação a despeito da música ocidental, tomamos o seguinte pensamento de Barraud (1991, p. 29) objetivando o desenvolvimento da nossa consideração: “a prática musical dos judeus influenciou os cânticos dos cristãos. As atividades musicais dos povos germânicos e dos árabes influenciaram toda a música medieval com seus instrumentos, estruturas e afins”.

Mariz (1981, p. 26), por sua vez diz: “a música é a arte da inteligência humana, trabalha com sons e tem por objetivo a universalidade, a abstração e a exploração técnica”. Sendo assim, (MATRIZ, 1981, p. 26), vejamos um pouco mais a fundo suas considerações acerca desta arte:

A música faz parte de nossa vida de uma maneira mais ou menos intensa, consciente ou não, mas existe para todos. Compreendida pela história, a música existiu e existe em toda parte. É uma atividade essencialmente humana, através da qual a humanidade constrói significações na sua relação com o mundo, ela está presente em todos os tempos e em todos os grupos sociais, assim podemos dizer que a música é um fenômeno universal. Ela é a arte da inteligência humana; trabalha com sons e tem por objetivo a universalidade, a abstração e a exploração técnica. Sendo o som, a matéria prima da música que acaba sendo captada tanto pelo vento, como pela água e também por outros meios, e sentida pelos ouvidos.

Por sua vez, Murphey (1990), em seus estudos, diz que o ser humano fazia já há muito, a utilização da música bem antes de usar a linguagem. O autor atenta para a questão das emoções serem consideradas peça fundamental para a origem da música vocal natural do homo sapiens, afirmação que corrobora sua fala acerca da criação da música está diretamente intrínseca à afetividade humana.

A música é um fator de alta relevância em se tratando de aprendizagem, Faria (2001, p. 45) afirma que “a criança desde pequena já ouve música, a qual muitas vezes é cantada pela mãe ao dormir, conhecida como: ‘cantiga de ninar’. Sendo assim, a música tem papel fundamental no aprendizado de uma nova língua”. O pensamento do autor entende que o aprendizado por meio da música acontece porque desde cedo a criança conhece e convive com a música.

Livingstone (1973), afirma que cantar é bem mais simples do que falar, portanto, sugere que o homem pode ter aprendido a cantar antes de falar. Sendo assim, cantar seria uma condição que traria como consequência disso uma linguagem.

O autor (ANDRADE, 1993, p. 45) relata que:

A música é uma arte. E como tal é uma expressão. [...] O grito só deixou de ser ato reflexo e se tornou expressão quando foi intelectualizado, isto é, se tornou consciente. [...] Temos, pois apenas determinado palavra e música como duas expressões. Duas expressões que seguiram caminhos não opostos, porém diferentes. O que caracteriza essa diferença é a liberdade da música em relação à palavra. Ao passo que esta se transformava em símbolos de necessidade imediata, meio de conhecimento e de comunicação imediata, o som seguia direto em busca das necessidades superiores do espírito e procurava satisfazê-las. Mas palavra e som sempre evoluíram dentro do domínio do espírito. A palavra se organizava em convenções ao passo que o som se conservava puro e livre. Assim, ao passo que a palavra se tornava um símbolo de compreensão presa, isto é, dependente de educação, um reconhecimento, a música se tornou um símbolo de compreensão livre, universal, independente de educação, uma manifestação de pura intuição.

Percebe-se, então, a análise feita pelo autor Andrade reúne relevantes dados acerca da evolução da música. Pode-se dizer ainda que é importante para o ser humano procurar sempre estar em evolução, buscando e inovando. A música aqui reproduz a linguagem do homem, fazendo com que ele sempre esteja em uma

constante evolução. Tudo isso vindo lá dos nossos primeiros ancestrais “o homem da caverna”, que tentava expressar seus sentimentos, criou também a dança e os devidos instrumentos musicais daquela época.

2.2 ENEM: UM BREVE HISTÓRICO

Segundo Sampaio (2012) o ENEM foi instituído a partir da LDB (1996) com o objetivo de possibilitar a todos os participantes uma referência para autoavaliação com base nas competências e habilidades que compõem a Matriz de Referência do Ensino, ainda segundo o autor, sendo da responsabilidade do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP).

A concepção do Enem, conforme Castro (2000) está pautada nas orientações para a educação básica, estabelecidas pela LDB, Diretrizes e Parâmetros Curriculares Nacionais, como instrumento que baliza e induz a reforma do Ensino Médio em nosso país.

A criação do ENEM se deu no ano de 1998, de acordo com Andriola (2011, p.1), “possui como objetivo avaliar o desempenho do estudante ao fim da escolaridade básica, visando a aferir o desenvolvimento das competências e habilidades necessárias ao exercício pleno da cidadania.” Conforme explicado pelo autor, todos os alunos que já haviam terminado ou estariam cursando o terceiro ano do ensino médio, poderiam realizar a prova do ENEM.

Klein e Fontanive (2009, p. 32) afirmam:

Na sua primeira edição o ENEM contou com um número relativamente pequeno de participantes: cerca de 115.600. Não obstante, em 2008 o ENEM atingiu a marca de 4.018.050 de inscritos e 2.920.560 presentes ao exame, alcançado patamar superior aos 4.600.000 inscritos na edição de 2010 (cerca de 15% de incremento com respeito a 2008).

Para Torres (2007, p. 35), “o ENEM propõe um modelo de avaliação em que se busca aferir o desenvolvimento das estruturas mentais do sujeito, que em contínua interação com a realidade, constrói seus conhecimentos”. Segundo o autor, percebe-se que o aluno deve ter um conhecimento básico do que se está

acontecendo em volta do mundo, para somente assim, poder ter um embasamento em suas respostas.

Tomando o pensamento de Andriola (2011), desde o ano de 2004 que o Enem é utilizado para seleção de estudantes que almejam serem selecionados em bolsas do Programa Universidade para Todos (ProUni), este ainda explana que:

Em 2010, o Ministério da Educação (MEC) apresentou uma proposta de reformulação do ENEM e sua utilização como forma de seleção unificada nos processos seletivos das Instituições Federais de Ensino Superior (IFES). No que tange ao novo ENEM, este é composto por testes de rendimento (provas) em quatro áreas do conhecimento humano, a saber: a) linguagens, códigos e suas tecnologias (incluindo redação); b) ciências humanas e suas tecnologias; c) ciências da natureza e suas tecnologias; e d) matemática e suas tecnologias. Cada grupo de testes será composto por 45 itens de múltipla escolha, aplicados em dois dias, constituindo, assim, um conjunto de 180 itens. A redação deverá ser feita em língua portuguesa e estruturada na forma de texto em prosa do tipo dissertativo-argumentativo, a partir de um tema de ordem social, científica, cultural ou política.

Andriola (2011), em relação ao estilo de prova, esse novo tipo de avaliação será composto por questões objetivas tendo por base quatro áreas de conhecimento; seus itens serão de múltipla escolha e esta será aplicada em dois dias. O autor acrescenta ainda que, nesse sentido, foi criado o Sistema de Seleção Unificada (Sisu), este se tratando de um sistema informatizado, sendo gerido pelo MEC, por meio do qual as IFES participantes terão papel de selecionar novos estudantes exclusivamente pela nota obtida no ENEM do ano de 2009.

Rauber (2012), por sua vez, explica que com relação à Língua Estrangeira, a Matriz de referência para o ENEM 2009, apresenta um eixo cognitivo dominar linguagens no qual é apontada a necessidade dos examinadores de fazer uso da Língua Inglesa ou Espanhola. Sendo assim, conforme relata a autora, as disciplinas de Inglês e Espanhol passam a ser incorporadas às provas do ENEM a partir do ano de 2010.

Além dessa competência, são apresentadas quatro habilidades esperadas dos examinandos: I - associar palavras e expressões de um texto em LE ao seu tema; II - ter acesso a informações, tecnologias e culturas por meio da LE; III - relacionar as estruturas linguísticas de um texto à sua função e seu uso social; IV -

compreender que a produção cultural em LE representa a diversidade cultural e linguística (BRASIL, 2009).

Com isso, nas provas a partir de 2010 são implantadas as disciplinas de Inglês e Espanhol à avaliação do ENEM. Para Silva (2008), com esta prova o Estado interfere na Educação e aponta para um modelo voltado para o desenvolvimento de competências e habilidades, induzindo a uma ampla mudança no sistema educacional brasileiro.

2.3 A MÚSICA DE LÍNGUA INGLESA NO ENEM

De acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais, (PCN 2000, p. 24), “no âmbito da LDB, as Línguas Estrangeiras Modernas recuperam, de alguma forma, a importância que durante muito tempo lhes foi negada”. Assim, integradas à área de Linguagens, Códigos e suas Tecnologias, as Línguas Estrangeiras assumem a condição de serem parte indissolúvel do conjunto de conhecimentos essenciais que permitem ao estudante aproximar-se de várias culturas e, conseqüentemente, propiciam sua integração num mundo globalizado (PCN, 2000).

Com isso, os Parâmetros Curriculares Nacionais falam que com a inclusão das Línguas Estrangeiras na grade curricular das escolas brasileiras, os alunos ficaram cientes com os acontecimentos e fatos ocorridos em outros lugares e também adentra nas culturas de outros países, o que enriquece no seu aprendizado.

Não nos comunicamos apenas pelas palavras; os gestos também dizem muito sobre a forma e o modo de pensar das outras pessoas, assim como as tradições e a cultura de um povo esclarecem muitos aspectos da sua forma de ver e entender o mundo e de aproximar-se assim dele. (PCN, 2000).

Segundo Rauber (2012), a partir de 2010 as avaliações do ENEM já viriam com as disciplinas de Língua Estrangeira (Inglês e Espanhol) respectivamente. Sendo que a inclusão da prova de LE no exame reformulado não foi justificada pelo MEC/Inep.

Seguindo esse pensamento de Rauber (2012), podemos interferir que a inclusão da prova de Língua Estrangeira, se deve à caracterização do Enem como um exame seletivo para a admissão no ensino superior, o que trouxe como consequência a necessidade de atender a demanda das universidades que, têm

adicionado provas de Língua Estrangeira em seus exames do vestibular. O autor afirma então que “na prova do Enem de 2010 foi utilizada a música “Viva La Vida”, retirada do encarte do CD “Viva la vida”, que a banda de rock inglesa já mundialmente famosa Coldplay havia lançado em 2008” (RAUBER, 2012, p.9).

Para Camargos (2009, p. 01):

O gênero letra de música apresenta figuras de linguagem e explora a sonoridade assim como o ritmo, sendo um gênero que permite a repetição de algumas palavras ou várias frases, palavras, sílabas e alguns sons em sua estruturação.

Mourão (2015) explica que colocar questões com músicas já é uma constante nas provas do Enem. Nas quatro últimas provas aplicadas, três delas apresentaram letras de músicas para serem interpretadas. Ainda nas palavras de Mourão (2015), em geral, as músicas escolhidas traziam alguma mensagem, crítica ou denúncia em seu conteúdo. Geralmente, é solicitado ao aluno que faça uma leitura da música do ponto de vista do autor em relação a alguma questão proposta pelo avaliador. Por isso conforme foi dito pela autora, esse tipo de abordagem faz com que o aluno se interesse pelo texto para ter uma ampla visão de outras culturas e costumes.

Segundo Lima (2004), a utilização de músicas em inglês possui foco na diversidade cultural, mostrando as várias diferenças entre as nações e suas culturas, reforçando a repulsa por qualquer tipo de preconceitos. Assim, além de pontos culturais, as músicas no ensino de Inglês podem ser utilizadas também no ensino do listening, vocabulário, leitura, expressões orais e ortografia.

Segundo Lima (2004, p. 22), diz que:

O uso de objetivos culturais proporcionará uma imersão do estudante em diferentes culturas e, ao mesmo tempo, poderá ser associado a objetivos didático-pedagógicos secundários, direcionados às competências como listening, speaking, reading e writing, na mesma atividade com canções.

Indo de encontro a isso, Medina (1973) explica a existência de evidências de que a música é uma forte facilitadora no que diz respeito a memorização de vocabulário de uma forma não intencional. Ou seja, o autor diz que há uma facilidade não somente em aprender sem a intenção propriamente dita, mas inclusive à aquisição de vocabulário, algo que colabora para como meio totalmente

relevante em se tratando de aquisição de um segundo idioma não somente para adultos, mas crianças também.

De acordo com Mourão (2015), nesses casos, é de suma importância que o aluno esteja atualizado com o que está acontecendo ao seu redor, pois deve partir dele a interpretação ao fazer conexões entre o momento histórico das canções que estão dispostas na prova, assim sabendo identificar o que de fato está sendo colocado a ele.

Mourão (2015) ressalta ainda que o aluno deve estar em concentração, principalmente ao que é solicitado a ele na avaliação. A maioria das pessoas que faz o Enem reclama do fato de as alternativas possuírem quase sempre as mesmas alternativas para serem escolhidas, mas isso é um equívoco. Se o aluno tiver bastante atenção, diz o autor, as alternativas que não são as consideradas verdadeiras se distinguem de forma bem alternada da que está com o conteúdo correto, sendo que nisso tudo o que realmente se comprova é que o aluno deve ter um olhar bem observador e ter também uma boa percepção na hora da interpretação e a atenção totalmente voltada para a prova.

CAPÍTULO 3

A CULTURA DOS PAÍSES NAS MÚSICAS DO ENEM

Este capítulo se trata das análises das quatro músicas em inglês encontradas nas provas do Enem. Está dividido em quatro seções, cada uma correspondendo à música a ser analisada.

A primeira seção corresponde à música *Viva La Vida* da banda inglesa Coldplay. Nela, analisamos a letra da música buscando aprofundar-se na inspiração de sua composição. Com isso, fomos levados a analisar os aspectos históricos condizentes aos conteúdos implícitos na canção da banda, culminando em uma abordagem acerca dos fatos que se deram no período na Inglaterra. A segunda seção aborda a música *War* do compositor jamaicano Bob Marley. Naturalmente, os aspectos históricos encontrados na música foram abordados indo de encontro à cultura da Jamaica, tratando de pontos como o Reggae e o Rastafarianismo.

Na terceira seção, temos a música *Masters of War* do americano Bob Dylan. A música traz uma crítica ao momento de tensão que vive os Estados Unidos na época da Guerra Fria; alguns pontos são pautados acerca do clima de aflição deste conflito político e ideológico na época. A quarta e última seção traz mais uma vez a Inglaterra, desta vez com o famoso Paul McCartney e sua música *Ebony and Ivory* que nos permite dialogar acerca das questões que envolvem o racismo não somente na Inglaterra, mas em todo o mundo.

3.1 A INGLATERRA DE VIVA LA VIDA

O álbum *Viva La Vida*, lançado em 2008 pela banda Coldplay, possui como uma de suas faixas a canção homônima na qual remete a alguns pontos históricos relevantes, tendo como inspiração o quadro pintado pela mexicana Frida Kahlo. A pintora por sua vez, como referência para a pintura de seu quadro, baseou-se em outro quadro chamado *La Liberté guidant Le peuple*, do francês Eugene Delacroix, quadro esse foi inspirado em uma visão romântica da Revolução Francesa de 1830.

Macedo (2008) comenta que, “Magdalena Carmem Frida Kahlo y Calderón é seu nome completo. Foi na ordem de filiação a terceira das quatro filhas do casal e

era a preferida de seu pai, que a distinguia das demais irmãs por sua inteligência e sensibilidade”.

De acordo com (MACEDO 2008, p. 18), o autor relata que:

Frida sofreu de paralisia infantil aos 6 anos, e ficou com uma considerável diferença entre as pernas. Isso lhe rendeu o apelido de “Frida perna-de-pau”. No entanto, retrucava ferozmente as zombarias das outras crianças, pois já tinha na infância, tal qual tivera na adolescência e na vida adulta, uma personalidade forte, apesar de vitimada pela solidão que sua condição física lhe impunha. Precisou desdobrar-se para praticar atividades esportivas, como lhe fora recomendado, e aplicar-se nas que não eram tão convencionais para o sexo feminino. Dizia gostar do que os meninos faziam, andar de patins, pedalar e nadar. E, naquela época, início do século 20, a sociedade tinha características muito mais machistas do que as que vivemos hoje.

Conforme o pensamento da autora, mesmo com todas as dificuldades que a vida vinha lhe trazendo com o decorrer da fase inicial de sua vida, Frida não se entregava e era uma pessoa bastante determinada mesmo sendo uma mulher, isso por que tinha o intuito de fazer as coisas que a motivavam para sempre seguir em frente.

Macedo (2008, p. 19) discorre que, “no ano de 1925, precisamente no dia 17 de setembro, Frida sofreu um terrível acidente. O ônibus em que estava colidiu com um bonde e uma barra de ferro atravessou-lhe o corpo”.

Em seu relato Macedo (2008, p. 19), depois desse acidente, a vida de Frida transformou-se por inteira devido às constantes dores que sentia por conta desse ocorrido. “Sua irmã mais velha, Matilde, acompanhou-a no período em que esteve internada no hospital, pois seus pais ficaram muito abalados e não tiveram condições de fazê-lo”.

Ainda de acordo com Macedo (2008, p. 20), um tempo depois Frida conhece o também pintor mexicano Diego Rivera que nessa época era bastante conhecido. “Casaram-se no ano de 1925, contra a vontade de sua mãe, que se incomodava com o fato de ele ser comunista, ateu e 20 anos mais velho do que ela”.

Segundo Macedo (2008) a autora diz que, Frida não hesitava em dizer que pintava a sua própria realidade. Mesmo sendo vista como surrealista por alguns e que sua obra apresentava características muito próprias que não nos permitem enquadrá-la completamente em um determinado movimento artístico daquela época.

De acordo com Martinelli (2014), cheias de cores e ricas em elementos florais, as roupas de Frida Kahlo transformaram-se em tendência e ícones de estilo e até ganharam uma exposição e também um livro só para elas. Enquanto que, na verdade, sua autenticidade era uma forma de ocultar suas deficiências que foram provocadas pelo acidente.

Macedo (2008) ainda diz que, interessante é que o pai do Surrealismo, André Breton, ao conhecer as obras de Frida, ficou demasiadamente surpreso em perceber que, embora ela não tivesse tido contato com o movimento, pôde reproduzi-lo tão bem. Sendo que foi ele quem mais afirmou que as pinturas de Frida eram verdadeiramente surrealistas, enquanto que ela própria afirmava o contrário:

Alguns críticos tentaram me classificar entre os surrealistas; mas eu não me considero como uma surrealista (...). Verdadeiramente eu não sei se minhas pinturas são surrealistas ou não, mas eu sei que elas são a expressão mais franca de mim mesma. (apud Herrera. 1996, p. 363).

Sendo assim, Frida não queria ter nenhuma preocupação para estar dentro de um movimento e que suas obras eram de uma originalidade de acordo com suas ideias

Oliveira (2013) comenta que, segundo boa parte dos livros sobre a vida de Frida Kahlo, esta foi sua última pintura, foi feita 8 dias antes de sua morte. Não obstante, devido à qualidade desta natureza morta retratada em sua pintura, alguns duvidam de que tenha realmente sido pintada em 1954.

Ainda conforme Oliveira (2013), sendo que ao término de sua vida, Frida passou a depender bastante do uso de injeções de Morfina e Demerol, que a debilitava e a deixava sempre em um estado de permanência sonolência. Isso afetou seriamente na qualidade de seu trabalho.

De acordo com Oliveira (2013) o autor comenta que, é de uma beleza e profundidade típica de Frida, que sua última obra presenteasse com a mensagem de Viva a vida; ela que carregou diversos sofrimentos e angústias, mas que viverá sempre na memória daqueles que participaram de sua vida, como uma das mulheres mais energéticas e felizes que já havia passado pela Terra.

A artista escolheu ter uma vida intensa e na madrugada do dia 13 de julho de 1954, Frida Kahlo foi encontrada morta dentro de casa. Ela tinha 47 anos e as suas últimas palavras estavam escritas em seu diário: “Espero alegre a minha partida – e

espero não retornar nunca mais”. O caderno com diversas anotações secretas da artista virou livro. (MARTINELLI, 2014).

Paes (2015), como base para seu quadro *Viva La Vida*, Frida teve como inspiração outro quadro *La Liberté gui dantle peuple* é uma pintura em comemoração à Revolução de Julho de 1830, com a queda de Carlos X. Uma mulher representando a Liberdade guia o povo por cima dos corpos derrotados alguns ainda com vida, levando a bandeira da França em uma das mãos e brandindo um mosquete com baioneta na outra.

Brito (2013), quando Carlos X tentou abolir a liberdade de imprensa e dissipar a recém-eleita assembleia, teve início a revolução. O rei é afastado, e Louis-Philippe, um dos membros mais liberal da família real, assume o poder. É o último rei francês, tendo abdicado em 1848.

Gombrich (2013, p. 387), Delacroix “acreditava que na pintura, a cor era muito mais importante que o traço, e a imaginação que o conhecimento”

De acordo com (Paes, 2015) o autor fala que, por sua vez, o elemento central da tela – a Mulher, personificando a mulher-revolução, tornando-se o símbolo de uma liberdade, com uma série de sinais diacríticos que consolidam e constrói essa tal identidade, tais como: a bandeira com as cores da nação (no caso a França); um mosquete; os seios à mostra; o barrete jacobino; o estar descalça (contato com a terra) e o olhar voltado ao povo dando um tom de convocação e marcha para uma luta vitoriosa.

Segundo Moreira Júnior (2012) ressalta que alguns destas questões a partir das concepções que Charles Baudelaire, e que por sua vez, faz de sua avaliação da pintura de Eugène Delacroix. Segundo Moreira Júnior (p. 9):

A líder revolucionária idealizada por Delacroix sugere uma escultórica musa da História, que despertou de seu longo sono no interior de um dos museus de Paris, ganhou vida e partiu para as ruas flutuando sobre os corpos das vítimas e das barricadas, unindo sob a mesma bandeira as mais diferentes facções políticas e segmentos sociais, aqui representados por seus bonés, chapéus, boinas, cartolas, rifles e pistolas de épocas diversas. Assim, Delacroix conseguiu transformar o seu registro da Revolução de julho numa pintura ícone do século XIX. Mais do que um manifesto político, “A Liberdade...” é um manifesto pictórico.

Ainda de acordo com o autor Moreira júnior (2012, p. 9), “Há de se considerar que os símbolos são polissêmicos e constituem sistemas abertos a uma série de possibilidades”.

Em paralelo a isso, segundo (Ribeiro, 2011) diz que, na Inglaterra estava acontecendo Revolução Industrial processou-se primeiramente na Inglaterra. As suas repercussões não se fizeram sentir de uma maneira óbvia e inconfundível (pelo menos fora da Inglaterra) antes da década de 1830, ou provavelmente não antes de 1840.

Ainda segundo Ribeiro et al (2011), na Grã-Bretanha, este processo de uma primeira revolução industrial começou com a partida na década de 1780, continuando com o passar das décadas e terminou com as ferrovias e a indústria pesada na década de 1840, iniciando assim um espaço a uma nova fase dessa revolução.

Ribeiro et al (2011), conforme o autor relata em, “o fato é que por volta de 1850, havia mais pessoas vivendo nas cidades do que no campo, o que fez da Inglaterra a primeira sociedade predominantemente urbana do mundo”.

Ainda seguindo o pensamento do autor Ribeiro et al (2011, p. 1), ele diz que:

A Revolução Industrial assinala a mais radical transformação da vida humana já registrada em documentos. Durante um breve período ela coincidiu com a história de um único país, a Grã-Bretanha. Assim, toda uma economia mundial foi edificada com base na Grã-Bretanha, ou antes, em torno desse país. Houve um momento na história do mundo em que a Grã-Bretanha podia ser descrita como sua única oficina mecânica, seu único importador e exportador em grande escala, seu único transportador, seu único país imperialista e quase que seu único investidor estrangeiro; e, por esse motivo, sua única potência naval e o único país que possuía uma verdadeira política mundial. Grande parte desse monopólio devia-se simplesmente à solidão do pioneiro, soberano de tudo quanto se ocupa por causa da ausência de outros ocupantes.

(Ribeiro et al (2011, p. 2), a classe média estava se saindo vitoriosa, e os que pretendiam ter essa condição encontravam-se entusiasmados pelos avanços que a Revolução Industrial lhes proporcionava. O mesmo não acontecia com os trabalhadores pobres (que constituíam a grande maioria da população), cujo estilo de vida a Revolução Industrial havia sido destruído, sem que este fosse substituído de imediato por qualquer outra coisa.

Ainda de acordo com Ribeiro et al (2011), nas décadas de 1830 e 1840, nenhum visitante das grandes cidades industriais britânicas se deteria a falar em operários felizes e bem nutridos, mas em homens que viviam na mais vil das misérias, sob a exploração, o salário era baixo e a sujeira. Não seria então de nos surpreendermos que a primeira geração dos trabalhadores da Inglaterra (da Grã-Bretanha de forma geral) examinasse os resultados dessa primeira Revolução Industrial e os rejeitasse fervorosamente.

3.2 A JAMAICA DE WAR

A música *War* foi escrita por um dos maiores cantores jamaicanos de todos os tempos, Bob Marley. Lançada pela primeira vez no ano de 1976 no disco *Rataman Vibration* de Bob Marley and the Wailers.

A inspiração da letra dessa música é uma versão quase literal do discurso do Imperador da Etiópia Haile Selassie na Assembleia Geral das Nações, o que futuramente seria a ONU no ano de 1936.

De acordo com Souza (2012), Haile Selassie nasceu no dia 23 de julho de 1892 em Ejarsa Gora, cidade que fica localizada perto de Harar, ele foi chamado de Tafari Makonnen. Filho de Ras Makonnen, que era governador de Harar e de sua esposa Woyzero Yashimabet que era descendente dos Gallas, uma das mais poderosas tribos Cushitas.

Ainda de acordo com Souza (2012), a autora comenta que Tafari Makonnen teve seu batismo realizado de acordo com as tradições de seu país, a Etiópia, recebendo esse nome Haile Selassie que significa o poder da santíssima trindade, seu governo foi traçado nas escrituras sagradas ele também era membro da Igreja Copta e da Igreja Cristã Ortodoxa da Etiópia.

Schneider (2010) relata que dando início ao difícil processo de centralização do reino, após vencer a batalha de Anchim, Tafari Makonnen desse modo, foi proclamado o Imperador de seu país no ano de 1930, sob o nome de Haile Selassie I, também denominado de rei dos reis da Etiópia.

Segundo Souza (2012, p. 37). “A cultura Rastafari crê em Haile Selassie como um novo messias ou um Cristo negro, um Leão conquistador da tribo de Judá. Alguns desses grupos o crêem que ele é a reencarnação de Jesus Cristo”.

O autor White (1999, p. 62) apud Rabelo (2006, p. 125) comenta que:

Em seus quarenta e quatro anos de governo como imperador, Haile Selassie foi considerado um governante autocrata, às vezes um ditador duro e impiedoso. Não obstante a sua astúcia para atingir o poder o tenha servido durante seu longo reinado, há que se reconhecer que o imperador tomou uma série de medidas para democratizar o império etíope e elevar as condições de vida de sua população. Em 16 de julho de 1931, ele proclamou a primeira constituição escrita da Etiópia, elevando o status de seu povo de súditos e servos da nobreza ao status de cidadãos. Para a população pobre, analfabeta e majoritariamente rural, foi introduzido um sistema escolar de primeiro e segundo graus. O arcaico sistema fundiário foi reformado e o serviço público aperfeiçoado. Estradas foram construídas e outros projetos públicos iniciados, porém o progresso era lento para um país de 1.200.000 km², cuja população falava duas mil línguas e dialetos diferentes.

Como foi visto, a cultura Rastafari sempre considerou o Imperador Haile Selassie uma divindade, isso é algo que em nenhum instante de sua vida ele assumiu ou considerou ser como tal profeta, como o consideravam.

Como letra para sua música, Bob Marley usou parte do discurso de Haile Selassie realizado na Assembleia Geral das Nações, como inspiração de sua canção. Vejamos um trecho da música:

*Until the philosophy which hold one race
Superior and another inferior
Is finally and permanently discredited and abandoned
Everywhere is war, we say war*

*That until there are no longer first class
And second class citizens of any nation
Until the color of a man's skin
Is of no more significance than the color of his eyes
I got to say war*

*That until the basic human rights are equally
Guaranteed to all, without regard to race
Dis a war¹*

¹Até que a filosofia que torna uma raça superior/E outra inferior, seja finalmente permanentemente/Desacreditada e abandonada haverá guerra/Eu digo guerra
Até que não existam mais cidadãos/De 1º e 2º classe em qualquer nação/Até que a cor da pele de um homem/Não tenha maior significado que a cor/Dos seus olhos haverá guerra
Até que todos os direitos básicos/Sejam igualmente garantido para todos/Sem privilégios de raça, terá guerra (Tradução do pesquisador).

De acordo com Romero (2012), Haile Selassie representava uma figura contraditória, pois foi um imperador absolutista, um deus negro, e para os seus demais seguidores desse movimento denominado Rastafari. A julgar que cada indivíduo tenha sua Fé, assim não podemos desprezar os sentimentos ou as formas que cada um pensa a respeito das outras culturas diferentes a nossa.

O movimento Rastafari surgiu na Jamaica no ano de 1933; Cunha (1993, p. 122) o compreende como:

Um amplo conjunto de práticas e ideias que começaram a se esboçarem movimentos político-religiosos e, sobretudo, étnicos na Jamaica desde o século XIX. Tais movimentos, intimamente relacionados com a luta contra a opressão da estrutura escravista britânica, tinham vínculos com associações religiosas, organizações e igrejas do sul dos Estados Unidos e do Caribe que, a partir de uma interpretação étnica da Bíblia, começaram a fazer junto aos negros jamaicanos pregações nas quais o “paraíso” e a Terra Prometida se localizavam na Etiópia/África. Tal territorialização do mito bíblico permitiu uma ruptura radical com toda uma ideologia colonial e protestante que durante séculos justificou a escravidão apoiada em interpretações religiosas.

Desse modo, Rabello (2006) acrescenta que o Rastafarianismo pode ser considerado como um grande representante de um movimento de caráter milenar e revolucionário a partir de sua criação que juntou elementos do protestantismo e dos afro-caribenhos que possuíam tradições culturais provindas do continente da África.

De acordo com Ferreira (2007 p. 132), o Rastafarianismo tratava-se, portanto de “um movimento que, por meio de uma leitura étnica e individualizada da Bíblia, conduziu os afro-jamaicanos à adoração incondicional a Jeovah.” Silva (1995, p. 51) fala que na realidade da Jamaica, tal movimento configurou-se no que pode se explicar por “alternativa de construção da nacionalidade para milhares de jamaicanos, que viviam no desemprego e na marginalidade. Sem escolas e sem condições de exercer sua cidadania.”

O autor Rabelo (2006, p. 212), relata que durante os anos de 1950, a sociedade jamaicana por meio de seus políticos caminhava em direção à

povo da Jamaica uniram forças para assim conseguir a sua tão sonhada e esperada independência.

Ainda conforme Rabelo (2006), como sua sede não estava localizada na Jamaica, os políticos jamaicanos demonstraram toda a sua insatisfação com a Federação, e por meio de um referendo, a Jamaica assim, resolveu em setembro de 1961 abandonar a Federação, foi logo que quase um ano após esse abandono que finalmente em 6 de agosto de 1962 que a Jamaica conseguiu declarar sua tão esperada independência.

Nesta seção falamos acerca da música de Bob Marley intitulada War, composta e lançada pela primeira vez no ano de 1976. A música é uma parte do discurso de Hailé Selassie realizado no ano de 1936, onde Bob Marley fala das diferenças sociais encontradas em seu país. Com isso, nos foi permitido dialogar a respeito de pontos importantes da cultura jamaicana, dentre os principais, a cultura Rastafári.

3.3 OS ESTADOS UNIDOS DE *MASTERS OF WAR*

Bob Dylan é um cantor e compositor estadunidense. Nascido em 1941, é considerado um dos grandes ícones da música nos Estados Unidos e no mundo. Este grande compositor do século XX recebeu, em 2016, o Prêmio Nobel de Literatura pelos seus textos encontrados em centenas de versos em suas mais variadas composições musicais. Dylan influenciou artistas e bandas importantes como Rolling Stones e Beatles. A canção “Like a Rolling Stone” foi considerada pela revista Rolling Stone como a melhor do século XX.

Dylan conseguiu reconhecimento com o álbum The Freewheelin de 1963, o segundo com a gravadora Colúmbia Records. O grande sucesso do álbum foi “Blowin in the Wind”, canção emblemática, considerada uma das maiores no conjunto de seu repertório musical. Nos anos seguintes, gravou "Mr Tambourine Man", "Like a Rolling Stone", essa última, depois de envolver-se com polêmicas em 1965, no Newport Festival, por ter inserido guitarra elétrica em suas músicas, o que desagradou os fãs de folk mais conservadores. Em 1969, no álbum "Nashville Skyline", a canção “Lay Lady Lay” foi destaque (EBIOGRAFIA, 2016).

A música em questão “Masters of War”, foi composta em 1963, seu equivalente em português seria algo como “Senhores da Guerra”. Esta música fala que estes tais senhores que o compositor cita são notados por construírem armas grandes, aviões da morte e bombas, porém depois se escondem atrás de paredes e mesas. Dylan acrescenta, na música, que ele pode enxergar através de suas máscaras. Verifiquemos tal trecho da música:

*Come you masters of war
You that build the big guns
You that build the death planes
You that build all the bombs
You that hide behind walls
You that hide behind desks
I just want you to know
I can see through your masks*

*You that never done nothin'
But build to destroy
You play with my world
Like it's your little toy
You put a gun in my hand
And you hide from my eyes
And you turn and run farther
When the fast bullets fly ²*

Como se pode notar, após o autor chamar atenção para as pessoas que se acham no direito de travar guerras, e assim, afetar todo o resto da população e meio ambiente, claramente consideradas covardes, Bob Dylan afirma na letra de sua música que esses “Senhores da Guerra” utilizam o nosso planeta como se fosse um brinquedo e ainda por cima colocam armas nas mãos de pessoas inocentes em nome de sua obsessão, de sua guerra, e ainda por cima se escondem covardemente daquilo que provocaram assim que começam a ouvir o som das balas que voam sobre suas cabeças.

Em estrofes posteriores da música, o autor compara os que se acham donos

² Venham senhores da guerra/Vocês constroem grandes armas/Vocês constroem aviões da morte/Vocês constroem todas essas bombas/Vocês se escondem atrás de paredes/Vocês se escondem atrás de mesas/Eu só quero que vocês saibam/Que eu enxergo através das suas máscaras.

Você que nunca fez nada/A não ser criar para a destruição/Você brinca com meu mundo/Como se fosse seu brinquedinho/Você põe uma arma na minha mão/E se esconde dos meus olhos vista/E se viram e correm para longe/Quando as balas rápidas voam (Tradução do Pesquisador).

da guerra com Judas, dizendo que assim como este, eles mentem e enganam. Chamando-os mais uma vez de covardes, e em sua letra, o compositor escreve: “You fasten the triggers/For the others to fire/Then you set back and watch/When the death count gets higher/You hide in your mansion/As young people's blood/Flows out of their bodies/And is buried in the mud ³”. Ou seja, o gatilho é puxado pelos tais senhores da guerra, porém, quem atira são outros, enquanto aqueles assistem em suas mansões, o sangue jorrar.

Dylan continua seu raciocínio dizendo que não valem o sangue que corre em suas veias, e que nunca serão perdoados pelo que fazem, e pergunta ainda se o dinheiro é tão bom que lhes vale a própria alma. Termina, então, sua canção de protesto afirmando que espera que tais senhores morram cedo para que o compositor possa seguir seus caixões e assistir, em uma tarde pálida, seu enterro para certificar-se de que realmente estão mortos.

A letra de Bob Dylan faz duras críticas às guerras e aos homens que as comandam, nos quais ele os chama de “Senhores da Guerra”. Mas o motivo pelo qual o autor americano escreveu tal crítica foi pelo contexto histórico em que vivia, no qual os EUA se encontravam em meio à Guerra Fria nos anos 60, tal fato o inspirou a escrever a letra.

Vejamos as palavras de Attwood (2014, p. 11) a seguir:

O início dos anos 60 foi um tempo muito assustador para os americanos. A América estava profundamente envolvida na Guerra Fria, o que fez muitos cidadãos americanos ficarem assustados e fartos de sua nação, porque muitos acreditavam que não havia razão para estarem envolvidos em um conflito como o que estava atualmente em voga. Era óbvio que alguém deveria se esforçar e fazer algo para mostrar alguma rebelião contra o país. Foi aí que a música de Bob Dylan, "Masters of War", subiu ao palco.

Mendonça (2015) explica, ainda, que A Guerra Fria foi a designação atribuída ao conflito político-ideológico entre os Estados Unidos (EUA), defensores do capitalismo, e a União Soviética (URSS), defensora do socialismo, compreendendo o período entre o final da Segunda Guerra Mundial e a extinção da União Soviética.

É chamada "fria" porque não houve qualquer combate físico, embora o mundo todo temesse a vinda de um novo conflito mundial por se tratarem de duas potências

³Você prende os gatilhos/Para que os outros atirem/Então você retrocede e assiste/Quando a contagem da morte fica mais alta/Você se esconde em sua mansão/Como o sangue dos jovens / Sai dos corpos/E é enterrado na lama(Tradução do Pesquisador).

com grande arsenal de armas nucleares. Mendonça (2015) esclarece que norte-americanos e soviéticos travaram uma luta ideológica, política e econômica durante esse período. O autor ressalta que se um governo socialista fosse implantado em algum país do Terceiro Mundo, o governo norte-americano via aí logo uma ameaça aos seus interesses; se um movimento popular combatesse um governo alinhado aos EUA, logo receberia apoio soviético.

Ou seja, assim que se deu fim de uma das maiores guerras da história, A Segunda Guerra Mundial, os Estados Unidos e União Soviética entraram num embate político, onde respectivamente tinha-se o capitalismo contra o socialismo. A música de Bob Dylan surgiu na época como voz de todos os americanos que já haviam presenciado atrocidades demais há pouco e que protestavam e clamavam por paz.

Attwood (2014) diz que o compositor abalou a nação com seu tom feroz e irritado contra o "complexo industrial militar", dizendo que estava fora de controle declarando uma guerra inútil e depois não possuir os problemas que estava causando. "Masters of War" é uma poderosa canção de protesto contra o governo e os militares. Attwood continua seu pensamento afirmando que "Masters of War", de Bob Dylan, é uma das músicas de protesto mais importantes de todos os tempos. A canção foi lançada no álbum *The Freewheelin*, Bob Dylan, em 1963, juntamente com outras grandes canções.

Sherwin (2016) acrescenta que Dylan tinha apenas vinte e poucos anos quando escreveu essa música impressionante - que é uma idade bastante imatura para ter escrito uma canção tão poderosa como "Masters of War"; ele conhecia muito bem o período conflituoso em que vivia e escreveu uma música incrível para provar isso. O período era terrível: a Guerra Fria estava em pleno vigor e a Crise de Mísseis de Cuba levou os Estados Unidos e a URSS à beira do desastre nuclear, completa Sherwin; em outras palavras, o período era de grande tensão e Bob Dylan, como um bom americano, não exitou tecer duras críticas aos políticos do país. Esta seção foi dedicada a discursar acerca da música "Master of War" do compositor Bob Dylan, bem assim como os acontecimentos históricos que ocorreram nos EUA na década de 60, e que consequentemente culminaram em principal inspiração para compor esta música em forma de crítica em relação à posição política de seu país e também ao protesto às guerras, mais especificamente à Guerra Fria.

3.4 A INGLATERRA DE *EBONY AND IVORY*

Essa é uma das mais famosas músicas de Paul McCartney após sua saída do mundialmente conhecido grupo musical The Beatles. A canção é sobre a integração e harmonia racial entre o negro e o branco, representados na música como *ebony* que tem por tradução *ébano*, uma madeira de cor negra; e *ivory*, que significa *marfim*, por sua vez de cor branca.

Allport (1954) menciona que a influência de alguns traços de personalidades, emoções e cognições, estão no surgimento do preconceito, mas na maioria desse tipo de estudos atualmente parece aceitar a ideia de que esse é um dos fatores mais importantes no que se refere ao preconceito histórico e socialmente constituído.

Os autores Gaynes & Reed (1995, p. 101) ainda relatam que:

[...] segregação, preconceito e discriminação (...) não são resultados inevitáveis de processos biológicos ou cognitivos. Argumentamos, pelo contrário, que eles refletem a emergência histórica de comportamentos e sistemas de crenças específicos que equacionam diferenças físicas e culturais com “bondade” ou “maldade” dentro da espécie humana. Tais comportamentos e crenças surgirão apenas como uma consequência de histórias de opressão particulares.

Desse modo, podemos ter certa definição sobre o que vem a ser a palavra preconceito sendo como uma negativa ou então uma atitude mais hostil em determinadas situações em que nos encontramos.

Augoustinos & walker (1995), esses determinados estereótipos são ao mesmo tempo a justificativa e a consequência do preconceito e de ambos os estereótipos e preconceitos geram outra causa que é a discriminação contra certo grupo alvo, apesar de poder haver essa certa determinação sendo que independente desses dois tipos de fatores.

Fiske (1998), por exemplo, distingue esses dois tipos de discriminação sendo como quente e a outra fria. Dando assim uma resposta para a discriminação quente, o autor relata que, seria aquela que é baseada em repulsa, ressentimento, hostilidade e raiva, esse estereótipo fica mais comum entre os religiosos e indivíduos com traços humanitários. E a discriminação fria, no que diz respeito, é frequentemente baseada nos estereótipos relativos aos interesses, conhecimentos e motivações do grupo minoritário.

O autor, Devine (1989), comenta que tantos indivíduos preconceituosos como aqueles que não o são estão bastante familiarizados com esses outros estereótipos serão também utilizados para rotular determinados grupos étnicos ou sociais. Com esse pensamento, o autor conta que, sendo ou não preconceituoso um determinado grupo sempre está a dar nomes aos outros grupos.

Já com relação ao racismo, Poliakov et al (1977) definem o racismo com uma hostilidade a determinado grupo por uma suposta origem. Desse modo os autores em suas concepções, remetem que o racismo é o fato de uma raça criar práticas discriminatórias, com o objetivo único de estar afirmando assim ser superior a outros grupos.

Tudo acaba girando em torno da situação de um sentimento de um determinado grupo sentir-se no direito de querer ser superior ao outro grupo, sendo que fica comprovado que não há diferenças entre as raças humanas, onde Munanga (2004, p. 22), fica dito que:

Se na cabeça de um geneticista contemporâneo ou de um biólogo molecular a raça não existe, no imaginário e na representação coletivos de diversas populações contemporâneas existem ainda raças fictícias e outras construídas a partir das diferenças fenotípicas como a cor da pele e outros critérios morfológicos. É a partir dessas raças fictícias ou “raças sociais” que se reproduzem e se mantêm os racismos populares.

Por sua vez, em sua fala, Munanga (2004) relata que as populações de determinados lugares é que acabam por fazer uma discriminação com relação ao tipo de cor da pele dos indivíduos, e assim terminam por criar situações de racismo com o sentimento de superioridade as outras pessoas de diferentes tipos fenótipos de acordo com a cor da pele das outras pessoas ou grupos de uma determinada população.

Carvalho (1999) afirma que Paul McCartney fez a gravação de sua parte na canção e posteriormente mandou-a para Steve Wonder que se encontrava no outro lado do Oceano Atlântico, este então gravou a sua parte na música; logo após isso, as duas partes foram encaixadas em estúdio. O autor ainda aborda a questão da ironia nesta situação, uma vez que a música fala de união entre brancos e negros, e o fato de estarem lado a lado, segundo a letra, porém cada um dos compositores estava separado. Por sua vez, as teclas brancas e pretas do piano seriam

representadas, respectivamente, por Paul McCartney como sendo o marfim e Steve Wonder como sendo o ébano. Vejamos um trecho da música:

*Ebony and ivory live together in perfect harmony
Side by side on my piano keyboard
Oh, Lord, why don't we?
We all know that people are the same wherever we go
There is good and bad in everyone⁴*

Voltemos nossos olhares para a Inglaterra daquele período, onde é fato que em 1979, Margareth Thatcher vencera as eleições na Inglaterra, e partindo desse acontecimento que Lopes (2011, p.1) diz que em relação a isso, posteriormente, “coligada pelo republicano Ronald Reagan nos EUA em 1981, a onda de liberalizações e privatizações revelaram-se instrumentos de muita importância para o desenvolvimento dos fluxos internacionais de capitais.”

Indo de encontro a isso, em se tratando da globalização financeira envolta em tal parceria, Gonçalves (2003, p. 43) afirma que:

A globalização financeira tem tido um papel central na evolução da economia mundial nos últimos anos (Chesnais, 1995; Fiori *et Al.*, 1999; Cintra, 1999). As características básicas da economia mundial das últimas décadas do século XXI têm sido o crescimento extraordinário dos fluxos financeiros internacionais, o acirramento da concorrência entre bancos e outros agentes financeiros internacionais e a maior integração entre o sistema financeiro nacional.

Em outras palavras, isso vai de encontro a Carneiro (2002) que fala partindo da globalização financeira que estava assumindo uma importante função no que diz respeito às relações internacionais, é de fato algo que revela ser um dominante entre os capitais que existem.

A música na Inglaterra na virada de 80, o punk e a new wave não eram a única alternativa à onda disco que afligia a música. Para Silva (2010), começava a se formar na Inglaterra bandas como Judas Priest, Samsom e principalmente uma das bandas de maior influencia no Reino Unido o Iron Maiden, movimento esse que

⁴ O ébano e o marfim vivem juntos em perfeita harmonia/Lado a lado no teclado do meu piano/Ah, Senhor, por que não a gente?/Nós sabemos que todos são iguais aonde quer que vamos/Existe o bem e o mal em todo mundo (Tradução do Pesquisador)

formaria a New Wave of British Heavy Metal, uma resposta do som mais pesado em relação ao som mais simples do punk.

Finalizando esse último tópico, falamos sobre a música de Paul McCartney “Ebony and Ivory”, fazendo um dueto com outro cantor famoso Stevie Wonder. Os cantores falam em sua música a relação entre a harmonia racial (o branco e o preto) como é cantado nessa bela canção, e que deve existir essa harmonia entre os povos e as nações, esperando assim, terminar com a discriminação racial existente no mundo.

Fizemos também um paralelo com a Inglaterra na mesma época em relação à globalização que estava em um ponto de crescente e também com o famoso “bum” da música no país da Rainha Elizabeth II.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho possibilitou entendermos a dimensão da relevância da língua inglesa na atualidade, construindo um caminho histórico partindo da Inglaterra de séculos atrás, compreendendo seus acontecimentos históricos até chegar à colonização dos Estados Unidos e Jamaica, uma vez que essas três foram as nações protagonistas da pesquisa. Percebemos os eventos que levaram o inglês a chegar ao patamar que possui hoje como a língua a ser estudada por todos.

Nos foi permitido, ainda, dialogar a respeito da cultura de cada país aqui descrito e com isso adentrar em importantes recortes temporais de cada nação em momentos distintos e expressivos de sua história. Uma série de características culturais foi abordada como: conflitos, religiões, literatura e principalmente a música, dentre outras. Ademais, a questão do estudo relacionado à criação e metas do ENEM, bem assim como sua evolução ao decorrer dos anos, tendo diferenças em sua abordagem e objetivação, também puderam ser aqui expostas e discutidas.

Para a análise dos dados colhidos, tomamos primeiramente a questão norteadora: Quais aspectos culturais são encontrados nas músicas das provas do ENEM de inglês entre os anos de 2010 a 2016?

Pergunta esta que teve objetivos previamente elaborados, primeiramente o objetivo geral que tratou de Investigar aspectos culturais encontrados nas músicas das provas do ENEM de inglês entre os anos de 2010 a 2016. Naturalmente para se chegar a tal resposta, tivemos que traçar um caminho até ela nos utilizando dos objetivos específicos; inicialmente nós tivemos que Conhecer recortes temporais da cultura de cada país condizente com a pesquisa; logo em seguida Entender a inclusão das músicas em Inglês nas provas do ENEM; para só então Encontrar nas músicas, aspectos culturais dos países estudados no trabalho.

A pesquisa obteve êxito em todos os objetivos. O primeiro objetivo específico foi alcançado no primeiro capítulo, no qual falamos acerca de acontecimentos históricos diferentes em relação a distintos momentos na história das nações estudadas, podendo, então, compreender com clareza os pontos abordados sobre estes em relação à sua cultura e afins.

O objetivo seguinte pôde ser atingido no segundo capítulo, pois uma vez percebendo que a prova do ENEM, ao passar dos anos, tem por meta atual ingressar o concludente do Ensino Médio no Ensino Superior, é de certo afirmar que

os PCN's (2000) atentam para a importância da inserção de línguas estrangeiras na prova, uma vez que assumem a condição de serem parte indissolúvel no conjunto de conhecimentos essenciais ao ser humano, em se tratando de ampliação cultural visando a integração do indivíduo em um mundo globalizado. Dito isto, então, percebe-se que a inserção da música nas provas do ENEM é inteiramente compreensível, pois esta se trata de uma parte relevante da cultura de qualquer país.

O último objetivo específico foi alcançado no terceiro capítulo, pois as músicas se mostraram, naturalmente, com fortes aspectos culturais em relação aos países que nasceram os artistas que as compuseram. A banda Coldplay e os cantores e compositores Bob Marley, Bob Dylan e Paul McCartney juntamente com Stevie Wonder, trazem suas nações para o estudo, discutindo traços, respectivamente, da Inglaterra, seguida por Jamaica, Estados Unidos e novamente a Inglaterra, esta, sendo obviamente tratada com um ponto de vista diferenciado da primeira abordagem, pois apesar de termos dois artistas ingleses, devemos entender que as músicas trazem pontos totalmente distintos culturalmente.

Por meio de tais objetivos específicos, nos foi permitido que alcançássemos o objetivo geral da pesquisa e, conseqüentemente, responder a questão norteadora. Após a análise – no terceiro capítulo – de cada música, tornou-se clara a contribuição das músicas em inglês nas provas do ENEM para apresentar aspectos culturais dos países abordados.

A primeira música analisada foi *Viva La Vida* da banda inglesa Coldplay, nela, percebemos a inspiração da composição que remete ao quadro homônimo da pintora mexicana Frida Kahlo. Nos foi possível dialogar, inclusive, sobre a Revolução Francesa; culminando em adentrar à cultura da Inglaterra do século XIX, no qual falamos a respeito da revolução Industrial, abordando assuntos relacionados ao papel do país neste movimento na época.

A segunda música analisada foi *War* do compositor jamaicano Bob Marley. O conteúdo encontrado nela remete ao discurso de 1936 do então regente da Etiópia, Hailé Selassie, no qual Bob Marley se vale para dialogar acerca das diferenças sociais da Jamaica naquele período.

A terceira música se chama *Masters of War* composta pelo estadunidense Bob Dylan. Esta se refere ao protesto do povo americano contra os conflitos ideológicos e políticos – conhecidos posteriormente por Guerra Fria – que ocorriam

na época entre os Estados Unidos e a antiga União Soviética. Dylan critica este conflito pós-Segunda Guerra, servindo de voz do povo americano pelo fim desta.

Analizamos, por último, a canção *Ebony and Ivory* do cantor inglês Paul McCartney. Mais uma vez tivemos como abordagem, a Inglaterra, porém, desta vez focando em um ponto de vista diferente. A música escrita em 1982 faz referência à discriminação racial, fazendo um paralelo com as teclas do piano, que só tocam uma bela melodia quando trabalhadas em conjunto, a preta (ébano) e a branca (marfim). Na mesma seção, ainda é abordada a questão do “bum” da música na Inglaterra nessa época e dialogado a respeito da globalização financeira que, naquele momento, acontecia.

Logo, é de certo afirmar que as músicas em inglês encontradas nas provas do ENEM contribuem para apresentar os aspectos culturais dos países mostrados; e mais que isso, as músicas analisadas, apesar de terem sido escritas por compositores de países que possuem como língua oficial o inglês, possuem não somente um fundo cultural exclusivo de seus países. Na verdade, pudemos ir além de nossa pesquisa, pois não somente os alunos têm por base das músicas, as culturas dos três países desta pesquisa, mas trazem distintas inspirações que remetem a outras culturas como México, França e Etiópia, como vimos nas análises.

Em se tratando do ponto de vista pessoal, este estudo possibilitou uma amplificação dos temas que já eram significativos, e depois da pesquisa, entendemos melhor cada um dos assuntos pautados, fazendo com que tal enriquecimento cultural se fizesse com considerável relevância no âmbito pessoal.

No campo social, percebemos que o estudo de períodos diversos remete a pensamentos distintos e conseqüentemente mais aprendizado não somente sobre história, mas sobre a vida em comunidade.

Por último, no campo acadêmico, este trabalho servirá de pesquisa para diferentes áreas não somente para alunos, mas professores que possuem em seu campo de estudo e interesse, temas como: história, língua inglesa, cultura, música, dentre outros. Sendo assim, percebemos o quanto este trabalho se torna valioso ao nosso aprendizado, uma vez que aborda temas não somente interessantes, mas igualmente relevantes às artes, às culturas e à vida.

REFERÊNCIAS

- ALLPORT, G. **The nature of prejudice**. Cambridge: Addison-Wesley, 1954.
- ANDRADE, Mário Raul Moraes de. **Introdução à estética musical**. Pesquisa, estabelecimento de texto, introdução e notas por Flávia Camargo Toni. São Paulo: HUCITEC, 1995.
- ANDRIOLA, Wagner Bandeira. **Doze motivos favoráveis à adoção do Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) pelas Instituições Federais de Ensino Superior (IFES)**. Ensaio: aval. pol. públ. Educ., Rio de Janeiro, v. 19, n. 70, p. 107-126, jan./mar. 2011.
- ANTUNHA, Gonçalves; LIMA, Elsa. **Música e mente**. Boletim Academia Paulista de Psicologia, vol. 78, núm. 1, enero-junio, 2010, pp. 237-240. Academia Paulista de Psicologia São Paulo, Brasil.
- ARAÚJO, P. C. V. & MORIAS, M. C. L. **O reggae, da jamaica ao maranhão**: presença e evolução. IV ENECULT - Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura 28 a 30 de maio de 2008.
- AUGOUSTINOS, M., & WALKER I. (1995). **Social cognition**: An intergrated introduction. London: Sage.
- BARRAUD, Henry. **Para compreender as músicas de hoje**. São Paulo: Perspectiva, 1991.
- BAUGH, Albert C. **History of the English language**. New York: Appleton-Century-Crofts, 1957.
- BENNETT, Roy Costa. **Uma breve história da música**. São Paulo: Brochuras, 1986.
- BLOCK, R. Howard. **A needle in the right hand of God**: The Norman Conquest of 1066 and the Making and Meaning of the Bayeux Tapestry. New York: Random House, 2006.
- BRASIL. **Ministério da Educação**. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais (INEP). Matriz de referência para o ENEM 2009. Brasília, 2009.
- BRITO, Carla. **"A Liberdade Guiando o Povo" - Análise da Obra**, 2013.
- BUCKINX, Boudewijn. **O pequeno Pomo ou a história da música do Pós-Modernismo**. São Paulo: Giordano, 1998.
- CAMARGOS, G. T. P. Letra de música: um gênero de grafia e som. In: DELL' ISOLA, R. L. P. **Nos domínios dos gêneros textuais**. V. 1, 2009. P.14-19. (Cadernos Viva Voz de Interesse para a Áreas de Gênero Textuais).

CARNEIRO, Raquel. **Informática na educação**: representações sociais do cotidiano. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2002.

CASTRO, Maria Helena Guimarães de. **Sistemas Nacionais de Avaliação e de Informações Educacionais**. São Paulo em Perspectiva. vol.14 n.1 São Paulo Jan./Mar. 2000.

CRYSTAL, David. **The Cambridge Encyclopedia of the English Language**. Cambridge: CUP, 1997.

CUNHA, Olívia Maria Gomes da. **Fazendo a “coisa certa”: reggae, rastas e pentecostais em Salvador**. Revista Brasileira de Ciências Sociais, São Paulo, n. 23, ano 8, outubro de 1993, p. 120-155.

DEVINE, P. G. (1989). **Stereotypes and prejudice**: Their automatic and controlled components. *Journal of Personality and Social Psychology*, 56(1), 5-18.

EAGLETON, Terry. **A ideia de cultura**. São Paulo: Editora Unesp, 2005.

FARIA, M. N. **A música, fator importante na aprendizagem**. Assis chateaubriand – Pr, 2001. 40f. Monografia (Especialização em Psicopedagogia) – Centro TécnicoEducativo Superior do Oeste Paranaense – CTESOP/CAEDRHS.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Dicionário Aurélio**: o dicionário da língua portuguesa. 8. ed. Curitiba: Positivo, 2016. 895 p.

FERREIRA, Geórgia Castro Machado de. **A aproximação cultural entre o reggae jamaicano e o discurso de Edson Gomes**. Revista Brasileira do Caribe, Goiânia, Vol. XI, nº21. Jul-Dez 2010, p. 129-158.

FIGUEIREDO, ET AL. **A língua inglesa ao longo da história e sua ascensão ao status de língua global**. Trabalho de Pesquisa _UNIFRA. Santa Maria, 1996.

FISKE, S. T. (1998). **Stereotyping, prejudice, and discrimination**. In D. T. Gilbert, S. T. Fiske, & G. Lindzey (Eds), *The Handbook of Social Psychology* (4th ed., Vol. 2, pp. 357–411). New York: McGraw-Hill.

GEERTZ, Cliford. **A interpretação da culturas**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1989.

GOBBI, Denise. **A música enquanto estratégia de aprendizagem da língua inglesa**. Dissertação pela Universidade de Caxias do Sul e Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Mestrado Interinstitucional em Estudos de Linguagem. 2001. 116 fls. Porto Alegre.

GOMBRICH, Ernst Hans. **A história da arte**. Tradução Cristina de Assis Serra. Rio de Janeiro: LTC, 2013.

GONÇALVES, Maria da Graça Marquina. **Concepções de adolescência veiculadas pela mídia televisiva**: um estudo das produções dirigidas aos jovens. In: GONÇALVES, Maria da Graça Marquina; OZELLA, Sérgio (Org.). *Adolescências construídas: a visão da psicologia sócio-histórica*. São Paulo: Cortez, 2003. p. 41-62.

HERRERA, Hayden. **A Biography of Frida Kahlo**. Nova York: Harper Collins (1983).

HOLANDA, S. B. **Raízes do Brasil**. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1975.

KLEIN, R.; FONTANIVE, N. **Uma nova maneira de avaliar as competências escritoras na redação do ENEM**. Ensaio: avaliação e políticas públicas em educação, Rio de Janeiro, v. 17, n. 65, p. 585-598, out./dez. 2009.

LARAIA, Roque de Barros. **Como opera a cultura**. In: *Cultura – um conceito antropológico*. Rio de Janeiro: Zahar, 1986, p. 68-115.

LE BRETON, Jean-Marie. **Reflexões anglófilas sobre a geopolítica do inglês**. In: LACOSTE, Yves; RAJAGOPALAN, Kanavillil. **A geopolítica do inglês**. São Paulo: Parábola Editorial, 2005, p. 12-26.

LÉVI-STRAUSS, Claude. **Raça e História**. Lisboa: Presença, 2000.

LIMA, Luciano R.. O uso de canções no ensino de inglês como língua estrangeira: a questão cultural. In: MOTA, K. & SCHEYERL, D. (orgs). **Recortes interculturais na sala de aula de línguas estrangeiras**. Salvador: EDUFBA, 2004. p.174-191.

LOPES, Alice Casimiro. **Políticas de currículo**: questões teórico-metodológicas. In: Alice Casimiro Lopes; DIAS, Rosanne E.; ABREU, Rozana. (Org.). *Discursos nas políticas de currículo*. Rio de Janeiro: Quartet Editora / Faperj, 2011

LUCHESI, Maria Isabel Chagas de Almeida. **A luta contra o preconceito**. Monografia. Universidade de São Paulo, Escola de artes e comunicações, Novembro de 2015, 35f.

MACEDO, Vanessa Freitas de Paíva. **Entre chagas e borboletas**. Dissertação. Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Artes, Maio de 2008.

MARIZ, Vasco. **História da música no Brasil**. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 1981.

MARTINELLI, Andréa. **11 coisas que você não sabia sobre Frida Kahlo (e que vão te inspirar)**. Editora, HuffPost Brasil, 2014.

MEDINA, C. A. **Música popular e comunicação**: um ensaio sociológico. Petrópolis: Vozes, 1973.

MENDONÇA, Tibério. **A guerra fria**. Escola E. E. F. M. Félix Araújo, 20015.

MOURÃO, Janaína Pereira. **Como interpretar músicas inglês no enem.** alunosonline.uol.com.br , 2015.

MOREIRA JÚNIOR, Mário Fiore. **Charles Baudelaire e a Análise da Obra Romântica de Eugène Delacroix.** São Paulo, 2012.

MUNANGA, Kabengele. **Uma abordagem Conceitual das noções de raça, racismo, identidade e etnia.** In: Cadernos PENESB. Programa de Educação sobre o Negro na Sociedade Brasileira. Niterói, Rio de Janeiro. N5. p. 15-23, 2004.

MURPHEY, Tim. **Song and music in language learning:** an analysis of pop song lyrics and the use of song and music in teaching English to speakers of other languages. PhD Dissertation. Sept. 1989. Bern, Switzerland: Peter Long Publishers, 1990.

OURDAIN, Robert. **Música, cérebro e êxtase:** como a música captura nossa imaginação (1997), tradução: Sônia Coutinho. Rio de Janeiro: Objetiva, 1998.

OWENS, Louis. **Other destinies:** understanding the American Indian novel. Norman: University of Oklahoma Press, 1992.

PACHECO, G; BRANCO, J. **Jamaica, terra que amamos.** Eclética, Rio de Janeiro/RJ, n. 26, p. 14-17, jan./jun., 2008.

PAES, F. A. L. **Arte, religião e revolução na modernidade:** a marianne de delacroix (1830), a partir da perspectiva hermenêutica da teologia da cultura de Paul Tillich. Universidade do Estado do Pará (UEPA). Anais do Congresso ANPTECRE, v. 05, 2015, p. ST1407.

POLIAKOV, Léon; DELACAMPAGNE, C.; GIRARD, P. **Le racism.** Paris: Ed. Sehers, 1977.

RABELO, Danilo. **Rastafári: Identidade e hibridismo cultural na Jamaica, 1930-1981.** 2006. (Tese, doutoramento em História) – Universidade de Brasília, Brasília, GO, 2006.

RAUBER, Bárbara Battistelli. **Avaliação em língua estrangeira (inglês) no acesso ao ensino superior:** ENEM em discussão. Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, SP, 2012.

REIS, Ana Carolina ET AL. **O preto e o branco na música:** a relação dialética entre dois ritmos e sua importância na história da música. Eclética, Julho/Dezembro 2006

RIBEIRO, Hilton. **A miséria da classe operária inglesa (1830-1840),** 2011.

ROMERO, Zeus Moreno. **Hailé Selassié I:** um deus negro ou um imperador absolutista? In Anais, XIII Encontro Estadual e História – ANPUH-PR, VOL. 1, 12-15 de outubro de 2012, pp. 214-225, Londrina/PR, UEL, ANPUH.

SAMPAIO, E. M. R. **O exame nacional do ensino médio (enem) nas escolas de campo grande/ms**: a influência na prática pedagógica segundo os professores de matemática. Universidade católica Dom Bosco. Campo Grande – MS. Setembro - 2012.

SANTOS, José Luiz dos. **O que é Cultura**. São Paulo: Brasiliense, 2006. (Coleção primeiros passos).

SCHNEIDER, Luíza Galiuzzi. **O papel da guerra na construção dos Estados modernos**: o caso da Etiópia. 2010. Dissertação (Mestrado em Ciência Política) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2010.

SILVA, Carlos Benedito Rodrigues. **Das terras da primavera as ilhas do amor**: reggae, lazer e identidade cultural. São Luis: EDUFMA, 1995.

SILVA, Daniela Regina da. **Psicologia da Educação e Aprendizagem**. Associação Educacional Leonardo da Vinci (ASSELI). Indaial: ASSELI, 2007.

SILVA, Mônica Ribeiro. **Currículo e competências**: a formação administrada. São Paulo: Cortez, 2008.

SODRÉ, Muniz. **Reinventando a cultura**: a comunicação e seus produtos. Petrópolis: Vozes, 1996.

SOUZA, Keila Kumakura. **Ser e Viver Rastafári**: Escola, cultura e inclusão. Dissertação (Mestrado em Educação). Centro Universitário Salesiano de São Paulo – UNISAL, Americana 2012.

TORRES, Márcia Zampieri. **Situações-problema como recurso de avaliação de competências do Enem**. In: BRASIL. Ministério da Educação; Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. **Eixos cognitivos do Enem**. Brasília: INEP, 2007. p. 31-53.

VANSPANCKEREN, Kathryn. **Perfil da Literatura Americana**. ed. rev., 2006. Estados Unidos da América, 1994. 180p.

VIAN JUNIOR, Orlando. **Língua e Cultura Inglesa**. Curitiba – IESDE Brasil S.A., 2008.

ZIMMERMANN, Nilsa. **A música através dos tempos**. São Paulo: Paulinas, 1996.

WISNIK, José. **O som e o sentido**: uma outra história das músicas. São Paulo: Companhia da letra, 1989.

WHYTE, Thimoty. **Queimando tudo**: a biografia definitiva de Bob Marley. São Paulo: Record, 1999.

WILLIAMS, Raymond. **A cultura é de todos**. 2015. Disponível em: <<http://pt.scribd.com/doc/68474445/A-Cultura-e-Ordinaria1#scribd>>. Acesso em 13 de jan. 2017.